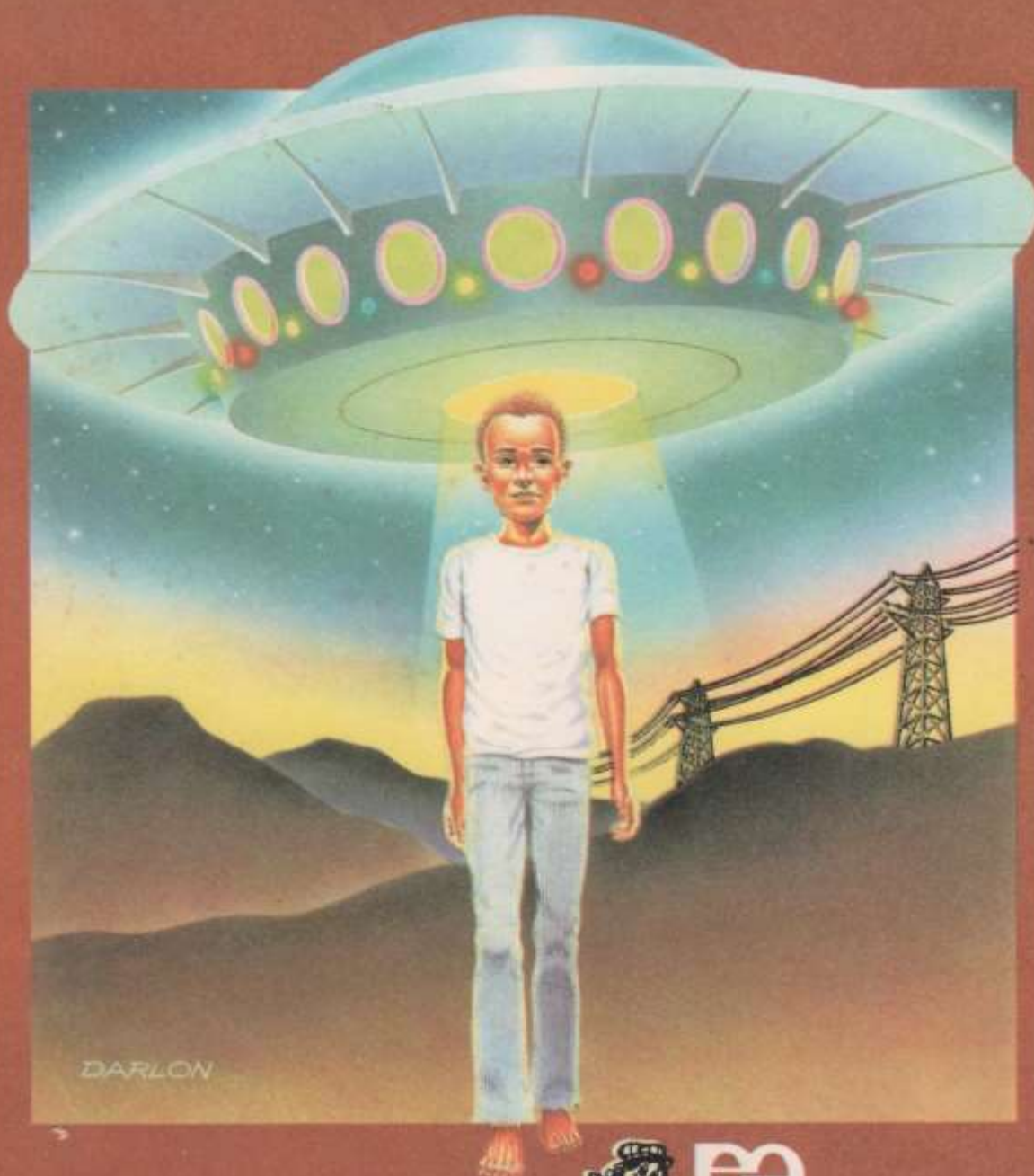


LUIZ GALDINO

A VIDA SECRETA DE JONAS



ea
editora atica





Luiz Galdino

A VIDA SECRETA DE JONAS

3.^a edição



Série Vaga-lume



TEXTO

Editor

Fernando Paixão

Assistente editorial

Carmen Lucia Campos

Preparação dos originais

Sônia Maria de Amorim

Suplemento de trabalho

Antonio Carlos Olivieri

ARTE

Editor

Marcus de Sant'Anna

Diagramação

Fernando Monteiro

Ilustrações

Darlon

Arte final

Fukuko Saito

Antonio U. Domiencio

Ayrton Quaresma

Coordenação de composição

Neide Hiromi Toyota

Este ebook

Digitalização

Adriana

Revisão, formatação:

The flash

Luiz Galdino: autor versátil que gosta de escrever para jovens

Luiz Galdino já fez de tudo um pouco. Esteve numa escola militar, foi funcionário público, deu aulas, escreveu em jornal, trabalhou em publicidade, viajou de carona, viveu em comunidade, morou num monte de lugares. Mas gosta realmente é de escrever ficção.

Autor versátil, conquistou, num mesmo ano, o Prêmio Literário Nacional, do INL, para romance; o Prêmio Nacional do Clube do Livro, com um volume de contos; e o Prêmio João de Barro, de literatura infantil. Seu público predileto é formado por jovens e adolescentes, para os quais publicou Pega ladrão, Moleque de rua, Saudade da vila, Rio abaixo vida acima, Saruê Zambi e outros.

Em 1986 e 87, teve dois livros incluídos no catálogo internacional da Biblioteca da Juventude, de Munique, RFA, que reúne as melhores publicações do ano para jovens e crianças.

Recado do autor

Eu tinha catorze ou quinze anos de idade quando li a notícia. Em um lugar perdido no interior de Goiás, vivia um garoto que, além de muito estranho, ninguém sabia de onde tinha vindo. Fiquei muito impressionado. A história que você vai ler baseia-se nesse acontecimento, porém esta é uma obra de ficção e não uma reportagem. Prepare-se.

Acompanhando a trajetória de Jonas, você vai se defrontar com um grande mistério. Um mistério que se esconde dentro de nós mesmos e que cria monstros. Uma estranha força capaz de nos transformar em pessoas que desconhecemos, quando nos vemos diante daquilo que é simplesmente diferente, novo.

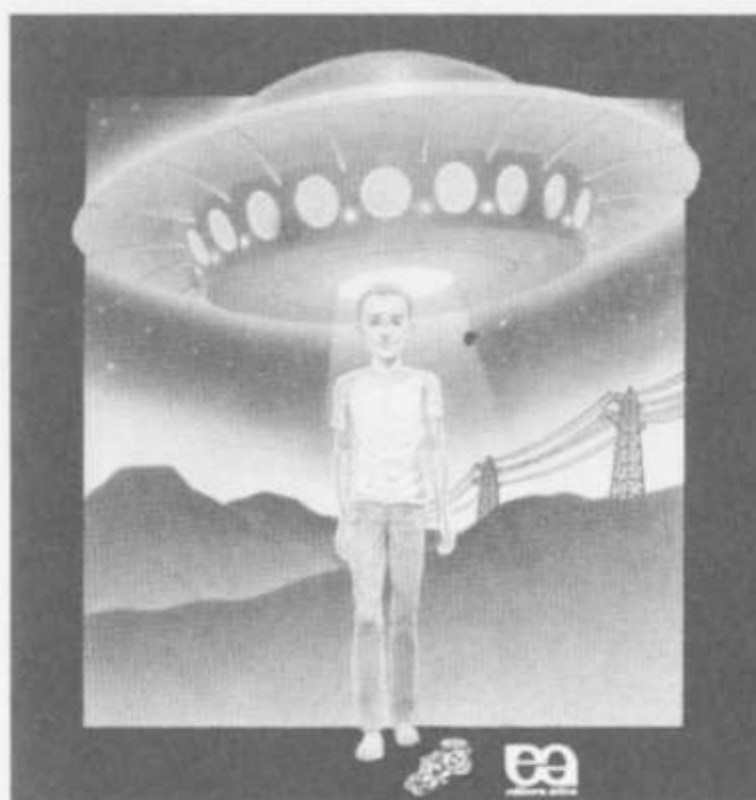
Espero que todos aqueles que me acompanharem nesta aventura saiam dela tão enriquecidos como eu saí.

SUMÁRIO

- 1 Surpresa no ar
- 2 Pato em roda de pinto
- 3 Ponto de encontro
- 4 Mistério na fábrica
- 5 Amnésia
- 6 Retirada estratégica
- 7 Um salto no desconhecido
- 8 Uma decisão importante
- 9 O primeiro dia
- 10 Um garoto do outro mundo
- 11 Aprendendo a viver
- 12 Encontro desagradável
- 13 Ontem foi um cão. Amanhã será um de nós
- 14 Salvo pelo gongo
- 15 Um dia difícil
- 16 Em busca do passado
- 17 O blecaute
- 18 Os marcianos chegaram
- 19 A casa sitiada
- 20 Aventura na mata
- 21 Segurança para nossos filhos
- 22 O segredo da igreja
- 23 A despedida
- 24 Saudade

Luiz Galdino

A VIDA SECRETA DE JONAS



Surpresa no ar

A mulher batia de tal forma o ferro contra a peça de roupa, que o filho não conseguia se concentrar na lição de casa. Geninho afastou a vista do caderno e ficou observando: os lábios comprimidos, a boca riscada de pequenas rugas verticais não deixavam dúvida: a mãe estava prestes a estourar.

— Já terminou a lição? — perguntou ela, pressentindo o olhar do filho.

— Não... Ainda não.

— Que está esperando?

O garoto ajustou a caneta entre os dedos e voltou a examinar as questões. Entretanto, por mais que se esforçasse, a página do caderno permanecia em branco. Não conseguiria preenchê-la sem ajuda.

O problema da mãe era outro.

— Parece castigo! — reclamou ela, cheirando uma camisa. Quanto mais lavo, mais cheira!

No seu canto, Geninho adivinhava que logo sobraria para o pai. E não demorou a ouvir a confirmação:

— Eu juro que não entendo! O Eugênio trabalha feito um cavalo e não consegue tirar a gente desse buraco!

— Ele disse que a situação está difícil... — defendeu o garoto.

— É... Seu pai fala... E enquanto ele fala, os vizinhos progridem! — retrucou ela, batendo na calça.

— Ele não se anima porque sabe que a senhora não gosta daqui.

— Não gosto mesmo! Tão perto de São Paulo, de São Bernardo, e a gente tinha que vir parar num buraco desses, onde o sol aparece uma vez por semana?!

Na cabeça da mãe, o pai se transformava em culpado até pelos dias de inverno. E se no verão os dias fossem muito quentes, ela o culparia também.

— O Eugênio não tem ambição. E quem não tem ambição não consegue nada!

Como não ouvisse resposta, prosseguiu:

— Vá lá fora e veja. Quero cair durinha se ele não estiver com o cigarrinho entre os dedos e a cabeça na lua!

Geninho riu e aproveitou a sugestão para abandonar a tarefa. A caminho da porta pensou no quanto os dois se conheciam. E concordava com a imagem. O pai estaria sentado na banquetela de tronco, com o cigarro entre os dedos, o olhar perdido na direção da mata serrana ou tentando descobrir uma estrela entre a névoa úmida.

Desta vez, porém, a vida pregou-lhe uma peça. Assim que botou os pés fora de casa, percebeu o engano. A surpresa não poderia ser maior.

Parado no meio do quintal, o pai olhava para o alto. Entretanto não era uma estrela que ele observava, nem a lua. Sobre sua cabeça, a uma altura pouco superior à do telhado, oscilava levemente o estranho objeto

luminoso.

— Pai, o que é isso? — interrogou Geninho, admirado, agarrando-o pela cintura.

— Quietos, filho... Fique quietos...

Colado ao corpo do pai, Geninho levantou a vista até o ponto onde o objeto flutuava. O coração batia como um tambor e o corpo tremia de cima a baixo. A curiosidade, porém, venceu. Jamais havia visto algo semelhante. A parte inferior do objeto tinha a forma de uma bacia reluzente; e, em volta, luzes coloridas vermelhas, alaranjadas e amarelas, piscavam sem parar.

— Pai, isso aí... Isso aí parece...

— Não diga nada, Geninho.

Ouviram, então, um zunido surdo, pouco mais que a vibração de um elástico distendido ou um zunzum de colmeia. Ao mesmo tempo as luzes coloridas começaram a piscar mais rápido, transformando-se num fecho muito claro e brilhante.

O objeto subiu verticalmente uns poucos metros, sem qualquer ruído que indicasse deslocamento. Em seguida, vibrou, como se fosse arrebentar em mil estilhaços, e desapareceu numa velocidade louca, raspando as árvores da Serra do Mar.

Pato em roda de pinto

É verdade! Eu vi!

— Sai pra lá, Geninho! — rebateu Rubão.

— Eu juro!

— Que cara-de-pau! — comentou Maurício.

— Está bom, Geninho... Agora conta a do papagaio! — falou Rafa, caindo na risada.

O guarda de trânsito apitou e o grupo atravessou a rua. Bastava o moreninho abrir a boca e os outros já protestavam. Falavam ao mesmo tempo, gesticulando muito, e só pararam ao atingir a alameda lateral da praça.

— Pra mim, o Geninho inventou essa história de disco voador pra tapear a professora — acusou Rafa, o mais animado do grupo. — Ele sabia que a dona Clarice ia chiar por causa da lição!

— Quem costuma fazer essas coisas é você! — devolveu Cláudia.

E Ana Paula aproveitou a oportunidade:

— É isso mesmo! Além do mais, fui eu que falei pra dona Clarice sobre o disco!

Atacado pelos dois lados, o garoto apelou para a ironia:

— Viu, Rubão, como elas defendem o Geninho?

Rubão era o maior da turma. Ouviu o irmão e acrescentou:

— Vai ver que o Geninho prometeu levar a Ana Paula pra andar de disco voador...

A amiga gaguejou antes de encontrar uma justificativa:

— Eu... Eu acredito! Por que o Geninho inventaria uma história tão estapafúrdia?

— Estapa... o quê? tornou Rafa, que não parava de rir.

— Estapafúrdia, Rafa! Se você não sabe...

Antes que ela concluísse, interveio quem faltava:

— Eu sei por que ele inventou essa bobagem.

Maurício marcava presença pela elegância das roupas, pelos cabelos sempre bem-penteados e, principalmente, pelo jeito quase adulto com que falava.

— Muito bem, Maurício... Por quê? — intimou Ana Paula.

— Pra marcar pontos com você.

— Marcar pontos? — estranhou a garota de longos cabelos negros.

— Pra impressionar, garota! Pra impressionar! Entendeu?

— E conseguiu! — juntou Rubão. — Veja como você defende o Geninho!

Como Ana Paula e Geninho se mostrassem encabulados, Cláudia decidiu defendê-los.

— Vocês não têm que explicar nada pra esses idiotas!

— Não adianta, Cláudia — retrucou Maurício. — O disco do Geninho só tem lugar pra uma!

Rafa, Rubão e Maurício jogaram-se atabalhoadamente sobre o banco de concreto, contorcendo-se de rir, enquanto Geninho e as meninas olhavam sem saber como reagir. Quando parecia que a gargalhada não teria fim, Rubão apontou na direção deles, indagando:

— Ei... Quem é a figura, aí?

Imaginando se tratar de uma nova brincadeira, Ana Paula permaneceu imóvel. Cláudia, porém, voltou-se para verificar e surpreendeu-se com a presença estranha.

— Quem é ele? — perguntou, correndo para trás dos amigos.

Diante de tal reação, Ana Paula virou-se e constatou: um garoto louro, de cabelos curtos e espetados, os observava. Tinha a pele muito clara, o rosto muito triste e uma cicatriz em forma de meia-lua junto à orelha esquerda. De pés no chão, vestia apenas calça e camisa bastante surradas. Teria, provavelmente, a idade da turma: doze anos ou pouco mais.

— Oi... Tudo bem? — cumprimentou ela, refeita da surpresa.

O desconhecido limitou-se a olhá-la.

— Deve ser um desses garotos que andam por aí... — arriscou Cláudia. — É melhor você vir pra cá, Ana Paula.

Mas fazendo que não escutou, examinou o menino mais um pouco e insistiu:

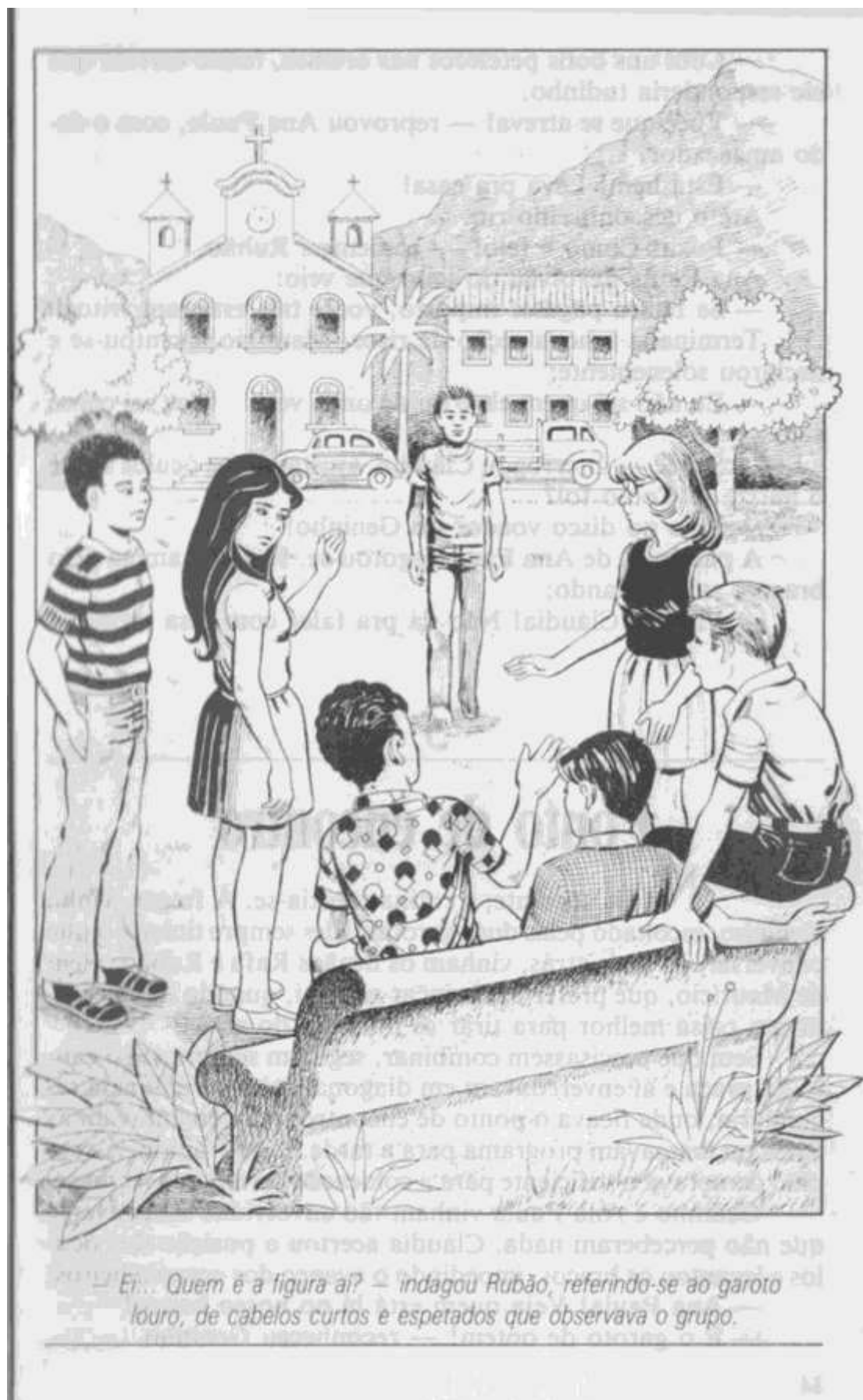
— Você é daqui? Como se chama?

O estranho permaneceu em silêncio. Seus olhos acinzentados mantinham-se parados na direção dos garotos, embora não se fixassem em ninguém especialmente.

— Acho que ele é mudo — arriscou Geninho.

— Ou está nos gozando! — juntou Maurício.

Rubão ajeitou-se no costado do banco, fez pose e falou:



— Com uns bons petelecos nas orelhas, tenho certeza que ele responderia tudinho.

— Você que se atreva! — reprovou Ana Paula, com o dedo ameaçador.

— Está bem! Leva pra casa!

Até o desconhecido riu.

— Puxa! Como é feio! — comentou Rubão.

Ana Paula devolveu do jeito que veio:

— Se feiúra pagasse imposto, vocês três estariam fritos! Terminada a nova seção de risos, Maurício levantou-se e declarou solenemente:

— Eu não sei quem ele é ou de onde veio... Mas sei como veio.

— Sabe? — interrogou Cláudia, ajustando os óculos sobre o nariz. — Como foi?

— Veio no disco voador do Geninho!

A paciência de Ana Paula esgotou-se. Pegou a amiga pelo braço e saiu puxando:

— Vamos, Cláudia! Não dá pra falar com essa turma!

Ponto de encontro

No dia seguinte, a rotina repetia-se. À frente, vinha Geninho, escoltado pelas duas garotas. Eles sempre tinham o que conversar. E, mais atrás, vinham os irmãos Rafa e Rubão, além de Maurício, que preferiam brincar entre si, quando não inventavam coisa melhor para tirar as meninas do sério.

Sem que precisassem combinar, seguiam sempre até o canto da praça e aí enveredavam em diagonal até uma alameda secundária, onde ficava o ponto de encontro. Ali comentavam as aulas ou marcavam programa para a tarde. Coisa rápida. A reunião demorava o suficiente para a colocação do almoço na mesa.

Geninho e Ana Paula vinham tão envolvidos na conversa que não perceberam nada. Cláudia acertou a posição dos óculos e levantou os braços, impedindo o avanço dos companheiros:

— Ana Paula! Veja quem está lá no nosso banco!

— É o garoto de ontem! — reconheceu Geninho.

Ao contrário da amiga, Ana Paula ficou contente com a surpresa. E, em vez de recuar, como queria a outra, apressou os passos.

— Oi, estranho... — cumprimentou ela, bem-humorada. — Como passou de ontem pra hoje?

Desconfiado, o estranho remexeu-se no banco, sem saber se continuava sentado ou se levantava. Na primeira tentativa, a boca abriu sem dizer nada; na segunda, saiu uma voz quase sussurrada:

— Tudo... Tudo bem.

— Ele fala! — espantou-se Geninho. — Ele fala!

— É claro que fala! — concordou Maurício, aproximando-se com os demais. — Ele só estava se divertindo às nossas custas!

O tom áspero não deixava dúvida sobre seus sentimentos. Todos voltaram-se na sua direção, inclusive o jovem desconhecido, que observava atentamente as roupas bem-passadas, o bonito tênis novo e os cabelos bem-penteados. E Rubão, que, apesar de maior, acatava tudo que Maurício dizia, não perdeu tempo:

— Ei, cara... Este é o nosso ponto de encontro!

Sentada ao lado do estranho, Ana Paula retrucou no mesmo tom:

— Você disse bem, Rubão. Este é o nosso ponto de encontro! Não vejo por que a presença do garoto pode incomodar!

— É... A Ana Paula gostou mesmo do garotão... — comentou o Rafa, com ironia.

— Ele não incomoda ninguém — arriscou Geninho.

— Pois eu já me incomodei! Tchau mesmo! — despediu-se Maurício.

Rubão só ficou o tempo de consultar o irmão:

— Você fica, Rafa?

— Vou ficar mais um minuto.

— Então, tchau!

E a indecisão de Cláudia durou dois segundos, se tanto. Olhou para os amigos que se afastavam, olhou para a amiga, e falou:

— Também vou indo, Ana Paula... À tarde a gente se vê.

O estranho não perdia uma palavra, uma despedida, uma retirada. Os olhos cinzentos se alongavam ainda na direção de Cláudia, quando a voz de Ana Paula trouxe-o de volta ao banco.

— E aí? Como você se chama?

As feições do jovem contraíram-se imediatamente.

— Eu... Eu não sei.

— Não sabe? Como é que alguém pode não saber o próprio nome? — riu a garota. — Só pode ser uma piada.

— Não sei. Não me lembro.

Surpreso, Rafa observou o jovem e, cutucando a amiga, arriscou:

— Esse cara tem algum parafuso solto.

— Será que não é bom da cabeça? — juntou Geninho, procurando não ser ouvido. — O que você acha, Ana Paula?

— Só pode ser miolo-mole! — cochichou Rafa, gracejando. — Onde já se viu não saber o próprio nome?

Ana Paula censurou o amigo com uma olhada fulminante e voltou ao que realmente interessava:

— Você não é daqui de Riacho, é?

O estranho incomodava-se visivelmente com o interrogatório. Os olhos saltavam de um ponto para outro, como se quisessem lembrar de algo, mas a cabeça acenava em negativas.

— Não... Acho que não sou...

— Então, de onde veio? — perguntou Ana Paula.

— Não lembro.

— Você veio de ônibus? — interrogou Geninho.

— De ônibus? O que... O que é ônibus?

Os amigos entreolharam-se, ainda mais surpresos. Ana Paula apontou para o veículo passando na rua e disse:

— Ônibus. Você veio de ônibus?

— Não. Não sei.

— Coisa mais esquisita! — estranhou Rafa.

— Ana Paula tentou ainda uma vez:

— Você mora com seus pais? Com algum parente?

— Não.

— Onde você dorme? — quis saber Geninho.

O garoto encarou-o, perplexo, e repetiu a resposta de sempre:

— Não sei.

Com uma mistura de surpresa e de ternura no olhar, Ana Paula explicou:

— Hoje à tarde nós vamos na casa de uma amiga, fazer um trabalho de escola, mas de noite estaremos aqui... Por que você não vem? Eu lhe trago um sanduíche...

— Boa ideia! Também posso trazer umas bananas! — juntou Geninho.

As promessas, porém, só fizeram aumentar a inquietação do estranho.

— Eu não posso! Não posso sair de noite! Falou e saiu às pressas, diante dos olhares assustados dos companheiros.

Mistério na fábrica

Ana Paula e Geninho encararam com alegria os novos e repetidos encontros com o estranho, pois se afeiçoavam a ele. Cláudia e Rafa ficavam nem lá nem cá. Maurício e Rubão, porém, não disfarçavam a contrariedade pela sua presença constante. Quando Ana Paula decidiu batizá-lo, foi uma gozação geral.

— Como ele não se lembra do nome, proponho chamá-lo de Jonas... Fica difícil falar com alguém que não tem nome.

— Por que Jonas? — implicou Rubão, sem pestanejar.

— E por que não? — devolveu a garota.

Maurício assistiu ao princípio de discussão e interveio no tom habitual:

— Você não conhece a história da Bíblia, Rubão? Chama Jonas porque ele foi vomitado pela baleia!

Só Cláudia não riu porque não entendeu a relação.

E as provocações se multiplicavam dia após dia. Uma hora era Maurício; outra, Rubão. E a implicância cresceu tanto que resolveram agir, de fato.

— Precisamos dar uma lição nesse intruso, pra ver se ele larga da gente!

Cuidado, Maurício... A Ana Paula resolveu proteger o garoto — avisou Rafa.

Rubão aderiu ao plano dos dois no mesmo instante:

— Você tem alguma ideia?

— Ainda não. Estava pensando...

Rafa não estava gostando do rumo que a conversa tomava. Não via razão para molestar o pobre coitado. De repente, Rubão arregalou os olhos e deu uma risada maldosa, antes de revelar:

— Tenho uma ideia!

— O que você pretende fazer com o garoto? — interrogou Rafa, sem disfarçar a contrariedade.

— Nada demais! Apenas um bom susto!

— Conta logo! — intimou Maurício.

O plano de Rubão desmontou a pose de adulto precoce de Maurício. Os dois riram a valer. Em seguida, preocuparam-se com o silêncio e o ar sério de Rafa.

— O que foi? — indagou Rubão. — Não estou reconhecendo você, Rafa.

— Você está nessa, não está? — pressionou Maurício.

Rafa hesitou, enquanto examinava os dois. Por fim, abriu-se:

— Tudo bem... Mas nada de machucar o garoto.

— Ninguém falou em machucar... É só um susto — prometeu Maurício.

Dia seguinte, tal como haviam planejado, os três encontraram Jonas a sós. O garoto levantou-se assim que os viu aproximar e Rubão convidou:

— Oi, Jonas... Nós vamos dar uma volta por aí... Quer ir?

O jovem olhou na direção de onde eles tinham vindo e perguntou:

— A Ana Paula... Ela não vem?

— Não... Ela foi almoçar na casa da Cláudia — mentiu Maurício.

Jonas riu seu riso triste e, mais que depressa, dispôs-se a acompanhá-los.

— Aí, garotão! Vai ser um passeio inesquecível! — disse Rubão, pregando-lhe um tapa nas costas.

— Vai ser mais fácil que tirar pirulito de criança! — considerou Maurício.

Deixaram a praça e seguiram pela rua pavimentada de pedras até o final, onde o caminho se bifurcava, seguindo à esquerda para o rio, e à direita para o cemitério. Jonas tinha um sorriso no rosto; sentia-se feliz pela companhia.

Diante da velha fábrica abandonada, pararam. Rubão desembarçou a grossa corrente, puxou o ferrolho e, com o auxílio dos companheiros, empurrou o pesado portão de madeira.

— O que tem aí dentro? — perguntou Jonas, curioso.

— Você já vai saber... É só mais um minuto — avisou Maurício.

— Pronto! Aqui começa a grande aventura! — falou Rubão, irônico.

Jonas entrou e reclamou:

— Está frio aqui dentro.

Está nada. Está fresquinho, não está, Rafa? — interveio Maurício.

Examinando as velhas máquinas, Rafa, que até então estivera calado, perguntou:

— Será que não tem perigo? Esse lugar dá medo!

— Que perigo? — devolveu Rubão. — O que pode ter aqui é alguma ratazana ou uns inocentes morceguinhos.

Os quatro garotos se puseram a caminhar em direção ao fundo da fábrica. De todos era Jonas quem mostrava maior tranquilidade.

— Que lugar é esse? O que nós estamos procurando? — indagou, confuso.

— Essa é a caverna do Homem-Aranha! — respondeu Rubão com voz fantasmagórica. — Você vai gostar de brincar com os seres do além, Jonas!

— Acho que já está bom — interveio Rafa, interrompendo a brincadeira.

— Nada disso! Vamos até o fim! — decretou Maurício.

Após destruírem uma quantidade incrível de teias de aranha, chegaram ao fundo do velho prédio, onde havia uma pesada porta enferrujada. Então, Maurício fez um sinal e imediatamente ele, Rubão e Rafa giraram sobre os calcanhares e dispararam na direção da rua.

— Ei... O que vocês estão fazendo? — gritou Jonas, imaginando

tratar-se de uma brincadeira inocente.

Os três só se voltaram para olhar ao atingir a porta da frente. Jonas permanecia imóvel, no mesmo lugar onde o haviam deixado. E até o instante em que fecharam a porta, não se mexeu. Pensativo, ele tentava entender as regras do jogo.

— Depois dessa, duvido que ele procure a gente de novo.

Rafa olhou para o irmão e quis saber:

— Quanto tempo ele vai ficar aí?

— Até o final da tarde! — antecipou-se Maurício.

— Não é muito tempo, não? — tentou Rafa. — Uma hora vai fazer o mesmo efeito.

— O que é? Não vai dizer que está com peninha do intruso?! — censurou Rubão.

A contragosto, Rafa cedeu. Jonas não passava de um estranho, um intruso, como dizia Maurício.

Os três passaram o resto do dia praticamente escondidos, evitando encontrar as garotas, que inevitavelmente perguntariam sobre Jonas. No final da tarde se puseram a caminho da velha fábrica para providenciar a soltura dele.

— O Jonas nunca mais vai querer saber da turma!

— Tomara, Rubão! Tomara! — falou Maurício.

Rafa removeu a corrente e o ferrolho, e os três empurraram a porta maciça. Aguardaram um instante até que a vista se acostumasse ao escuro e estranharam.

— Onde ele se meteu? — perguntou Rubão.

— Deve estar lá no fundo. Vamos dar uma olhada — comandou Maurício.

— Jonas! Jonas! — chamou Rafa, sem resultado.

— É capaz de ter dormido... Aqui dentro já está bem escuro — considerou Maurício.

Ao chegarem ao fundo do velho prédio, a surpresa cresceu.

— Ele sumiu! Como é que pode?

Rubão experimentou a porta metálica, que nem se mexeu. A luz só conseguia entrar pelas altas vidraças, impossíveis de serem alcançadas sem auxílio de escada.

— Que mistério! O que terá acontecido?

— Deixe de ser bobo, Rubão! Ele deve ter gritado por socorro e alguém abriu a porta! — retrucou Maurício.

— Não sei, não... A porta estava travada com as correntes e o ferrolho, tal como deixamos... — contrariou Rafa. — Era capaz de jurar que ninguém mexeu naquele trinco.

Os outros dois garotos encaravam-no com ar abobado. O silêncio, porém, durou pouco. Maurício virou-se e decidiu:

— Vamos embora!

A caminho da saída, examinaram os espaços escuros entre as velhas máquinas enegrecidas e cada canto empoeirado. Os esforços porém resultaram inúteis.

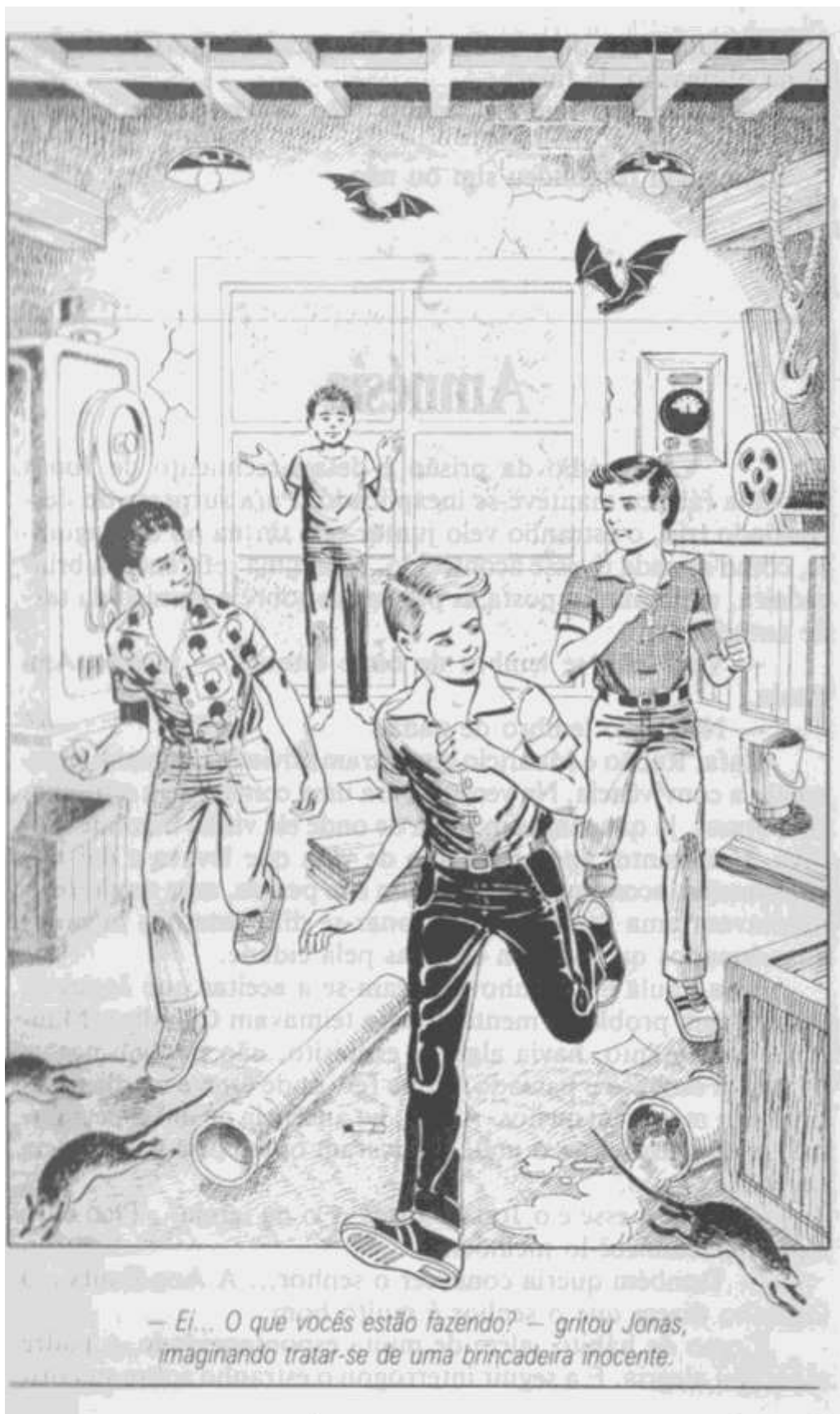
— Jonas! Jonas!

A voz de Rubão ecoou pelo longo salão, mas ninguém respondeu. Nem ao último apelo de Rafa:

— Jonas! Você está aí?

Os jovens trancaram novamente a porta e a caminho da praça o silêncio tomou conta deles. Por mais que tentassem esconder, não conseguiam. Cada um tentava encontrar uma explicação possível para o desaparecimento, mas as ideias e as palavras não vinham.

— Será que aconteceu alguma coisa com o Jonas? — arriscou Rafa, com voz de arrependimento.



— Ei... O que vocês estão fazendo? — gritou Jonas, imaginando tratar-se de uma brincadeira inocente.

Rubão observou o irmão sem dizer nada, Maurício sentiu-se na obrigação de falar:

— Aconteceu que ele sumiu! Não era isso que a gente queria? Ninguém respondeu sim ou não.

Amnésia

O episódio da prisão e desaparecimento de Jonas na velha fábrica manteve-se inexplicado. Para surpresa do desconfiado trio, o estranho veio juntar-se à turma no dia seguinte, como se nada tivesse acontecido. Nenhuma referência à brincadeira, nenhuma resposta às perguntas sobre o sumiço da tarde anterior.

— Você não se lembra de onde esteve? — insistiu Ana Paula.

— Não, não lembro de nada.

Rafa, Rubão e Maurício respiraram aliviados. E assim prosseguiu a convivência. Na verdade, era uma convivência estranha, com Jonas, já que ninguém sabia de onde ele vinha ou onde morava. Entretanto, apesar do tipo de vida que levava e das circunstâncias incomuns que cercavam sua pessoa, seus modos evidenciavam uma forma de relacionar-se diferente dos menores abandonados que pediam esmolas pela cidade.

Ana Paula e Geninho negavam-se a aceitar que Jonas tivesse algum problema mental, como teimavam Cláudia e Maurício. No entanto, havia algo de esquisito, não podiam negar. Ninguém esquece o passado, o que fez, onde esteve no dia anterior, sem mais nem menos. Assim, na ausência de um especialista que diagnosticasse o mal, resolveram optar pela experiência de padre Olavo.

— Então, esse é o Jonas? Eu já o vi na igreja... Fico contente por conhecê-lo melhor.

— Também queria conhecer o senhor... A Ana Paula e o Geninho dizem que o senhor é muito bom.

Como de hábito, além de muita espontaneidade, o padre esbanjou alegria. E a seguir interrogou o estranho sobre sua origem, sua família, tudo enfim que lhe haviam perguntado antes. E o resultado não acrescentou nada ao já conhecido.

— O senhor acha de que ele é... é...

Diante da hesitação de Cláudia, o padre adiantou-se:

— Eu não sou médico... mas tenho a impressão de que ele sofre de amnésia.

— Amnésia? — estranhou Geninho.

— Uma doença que faz a pessoa se esquecer das coisas... Não é isso, padre Olavo? — arriscou Ana Paula.

O padre abraçou Jonas, e explicou:

— Eu já ouvi falar de casos parecidos... Após sofrer algum choque muito forte, certas pessoas têm ataques de amnésia... Esquecem coisas...

— O senhor quer dizer que a causa seria alguma violência? indagou Rafa.

— É... Um fato, um acontecimento que marca muito a pessoa. Na tentativa de esquecer a razão do choque, a vítima acaba esquecendo parte de sua vida... Ou de tudo que lhe aconteceu antes.

— Puxa! Deve ser um choque terrível! — sensibilizou-se Ana Paula.

— Ah, sem dúvida. — O sacerdote concordou, observando Maurício e

Rubão, que se mantinham afastados, de braços cruzados sobre o peito.

— Talvez seja este o caso de Jonas... — prosseguiu. — De resto, ele parece um garoto sadio e inteligente.

Antes de despedir-se dos jovens, padre Olavo afastou-se um instante, levando Jonas até a sacristia.

— Esperem só um minuto... Nós já voltamos.

De fato não demoraram. E, ao voltar, Jonas vestia um bonito pulôver de lã e trazia um par de sapatos nas mãos.

— Padre Olavo... O senhor tem um coração deste tamanho! — entusiasmou-se Ana Paula, abrindo os braços tanto quanto podia.

O padre voltou a observar os dois jovens, que se mantinham longe do grupo, e interrogou:

— O que há com vocês? Cheguem mais perto. Nós não mordemos!

Quando Maurício e Rubão se aproximaram, o padre tocou no ombro de ambos e falou, olhando na direção de Jonas:

— O que esse garoto mais precisa é de carinho. Sejam amigos dele.

— Claro, padre! — respondeu Rubão.

— E você, Maurício?

— Eu... Eu tava até pensando em levar o Jonas pra almoçar em casa...

— Que ótimo!

Ana Paula estranhou a oferta. Maurício era o único que ainda não convidara Jonas para almoçar. Rubão defendia o amigo, transferindo a responsabilidade para a mãe, dona Antonieta, uma senhora muito preocupada com as companhias do filho.

— O convite é pra valer? — indagou ela.

— Claro! Não acabei de dizer?! — reagiu Maurício.

— Eu vou junto! Faço questão de assistir! — animou-se Ana Paula.

— Boa ideia! — aprovou Rafa. — Se a comida estiver boa, a gente come também. Vamos nessa, padre Olavo?

— Dona Antonieta poria todo mundo na rua! — respondeu o padre, rindo. — O importante é que o Jonas almoce.

Na porta da igreja, os jovens se despediam. Ana Paula aproveitou para agradecer:

— Obrigada pela sua atenção, padre... Foi muito gentil. Eu vou falar com meu pai, pra ver se ele leva o Jonas a um especialista...

— Seria bom. Faça isso, Ana Paula.

Depois dela, Cláudia falou:

— O senhor me deixou mais tranquila... Eu achava que o Jonas era... era...

— Maluco?

— É... — confirmou a garota, tirando a franja da frente dos óculos. — Eu pensava...

O padre interrompeu-a:

— Cláudia... Os malucos estão soltos aí pela cidade, disfarçados de cidadãos sadios. Sabem o que vieram me contar, ontem?

— O quê? — perguntou Ana Paula, curiosa.

— Uma pessoa respeitadíssima veio me ver, muito assustada, dizendo que tinha visto alguém voando.

— Uma pessoa, voando? Sem avião, sem pára-quedas, sem nada? — estranhou Cláudia.

— Exatamente! É claro que não vou contar quem é... Essa pessoa está convencida de que viu alguém voando na saída da cidade, perto daqueles velhos prédios abandonados.

Ana Paula pensou um pouco e disse rindo:

— Era o Super-Homem!

Só pode ser! — concordou o padre.

E Ana Paula e Cláudia saíram atrás dos garotos, que já atravessavam a praça.

Retirada estratégica

Ao chegarem à bela casa de Maurício, os garotos passaram pelo portão da frente, atravessaram o jardim e ocuparam o alpendre. Quando todos já se preparavam para a invasão, o dono da casa pediu para que Jonas aguardasse fora. Ana Paula, corada, encarou Geninho, que sacudiu os ombros:

— O que importa é o almoço... — e apontando para o degrau : — Sente aí, Jonas.

— Que fome! — reclamou o jovem, sentando-se.

— Ei, Ana Paula... Entre! — convidou Rafa, enquanto o resto do grupo se afundava casa adentro.

— Obrigada, Rafa... Prefiro fazer companhia ao Jonas.

Não demorou muito e a empregada apareceu com um prato cheio e duas laranjas. Entretanto, em vez de entregar ao convidado, Isaura parou junto ao batente da porta e ficou examinando. No rosto estampava-se uma mistura de curiosidade e medo.

— Qual é o problema, Isaura? O Jonas não morde! — recriminou Ana Paula.

— Não morde, é? Se quiser, pegue o prato aqui, porque eu não chego perto, não!

— O que é isso, Isaura? Está ficando boba? — estranhou Geninho.

Ana Paula pegou o prato e as laranjas e passou ao amigo, que atacou a comida com uma voracidade incrível. Em poucos minutos o prato estava limpo e das laranjas restavam apenas as cascas.

— Puxa! Estava com fome, hein?! — considerou Geninho.

— Se estava! — respondeu Jonas, passando a mão na boca. — Eu queria um pouco de água...

Geninho preparava-se para entrar na casa, quando Ana Paula correu à sua frente.

— Deixe que eu vou! Se tiver alguma fruta dando sopa, eu trago!

Entrou e, ao passar pela sala intermediária, ouviu Rubão cochichar:

— A Ana Paula vem vindo pra cá! Aproveite!

Desconfiada, a garota apressou os passos e, ao atingir a cozinha, ouviu a corrida e os latidos do cão no corredor lateral da casa.

— Maurício! Rubão! O que estão fazendo?

— O Fox fugiu! — gritou Rafa, aparecendo à porta do quintal.

Ana Paula voltou correndo para a frente da casa, a tempo de ver o cão perseguindo Jonas pela rua.

— Não! Não! Sai! — gritava o jovem, apavorado.

Encostados à mureta da rua, Maurício e Rubão deliciavam-se com a cena. Ana Paula ficou furiosa:

— Chame o Fox, Maurício! Ele vai pegar o Jonas!

Aconteceu conforme a previsão. Em pouco, o cão alcançava o

fugitivo, metendo-lhe uma dentada na barriga da perna. Jonas saltava segurando a perna ferida, e o cachorro pulava à sua volta, ameaçando novo ataque.

— Maurício! Faça alguma coisa! — pedia Ana Paula, indecisa entre a vontade de ajudar e o medo do animal.

Enquanto discutiam, Jonas abaixou-se e pegou uma pedra, atirando-a contra o cão, que saiu ganindo. Só então o dono do animal mexeu-se:

— Ei, retardado! O que você fez com o Fox?

Alheio ao aviso, Jonas pegava outra pedra. Quando Maurício saiu para a rua, Ana Paula e Geninho foram atrás, incentivando:

— Isso, Jonas! Jogue a pedra! Jogue!

— Não faça assim, Ana Paula! — censurou Cláudia. — Coitadinho do Fox!

— Pare com isso, seu idiota! É assim que agradece o almoço, é? — esbravejou Maurício, empurrando Jonas.

Ana Paula e Geninho colocaram-se entre os dois. Enquanto Geninho se preocupava com o ferimento do amigo, a menina contra-atacava:

— Idiota é você! Por que soltou o Fox?

— Ele escapou da coleira!

— Escapou nada! Você soltou!

Rubão mantinha-se à distância, de boca fechada. Rafa preferia esperar que a amiga se acalmasse, para dizer alguma coisa. Então Geninho convidou:

— Deixa pra lá, Ana Paula... Vamos levar o Jonas pra fazer um curativo.

— É... É melhor mesmo. Vamos, Jonas.

— Não! Não quero!

— Por que não? Vamos fazer um curativo...

— Não!

Jonas não saía do lugar. Tremia e fixava os olhos cinzentos sobre o cachorro, agora protegido entre os braços de seu dono. Na mão, acariciava a última pedra, pronto para o revide.

— Vamos, Jonas... — insistiu Geninho. — Precisamos limpar sua perna.

Por fim, o jovem cedeu, embora contrariado. Caminhando a passos lentos, soluçava como uma criança, embora os olhos se mantivessem secos. No lado oposto da rua, Maurício ameaçava:

Você machucou o Fox! Isso não vai ficar assim, não!

Um salto no desconhecido

Passado o choque, tudo voltou ao normal para Jonas. A exemplo do ocorrido na fábrica, ele nunca abriu a boca para relembrar o episódio ou censurar quem quer que fosse. Agia como se houvesse esquecido, embora a simples referência ao nome do cachorro o descontrolasse. Na prática, quanto mais tentavam afastá-lo, mais íntima se tornava a união com Ana Paula, Geninho e até com Rafa. Sua presença se tornara tão forte que, mesmo ausente, ele monopolizava as conversas.

Pouco depois do jantar, Maurício foi se reunir com os amigos, em frente à casa de Ana Paula:

— Aposto que estão falando do Jonas... — insinuou ele.

— Acertou! — confirmou Geninho. — E acho que a conclusão da Ana Paula está correta.

— Ah, é?... Qual foi a conclusão da Ana Paula?

— Nós concordamos que o Jonas é diferente dos garotos abandonados que andam por aí.

Maurício riu.

— Diferente ele é mesmo! É feio pra burro, tem aquela cicatriz perto da orelha, não regula bem da cabeça...

— Deixe de gracinhas, Maurício! — reprovou Ana Paula. — Nós estamos falando da bondade, da educação dele, apesar das condições em que vive.

— Ah... Ia me esquecendo do mais estranho... — tornou Maurício, interrompendo. — Alguém pode dizer onde ele anda a essas horas, o que está fazendo?...

— É um mistério! — concordou Rubão. — Ninguém sabe onde ele dorme, nem onde passa as noites.

— A Isaura sabe — tornou Maurício, com ar vitorioso.

— A Isaura?

Surpresos, os jovens calaram-se à espera da explicação. Maurício colocou toda ênfase de que foi capaz:

— A Isaura jura que viu o Jonas subir a ladeira do cemitério, uma noite dessas...

— E aí entrou no caixão do Drácula? — zombou Rubão.

— Não. Ele subiu a ladeira até o topo e desapareceu!

Após um curto silêncio, todos caíram na gargalhada.

— Coitado! O Jonas é uma alma penada! — brincou Rafa.

Ana Paula revoltou-se:

— Não sei qual absurdo é maior: se a história da Isaura ou o fato de você acreditar nessa besteira!

Maurício ameaçou continuar, Geninho saiu na frente:

— Eu estranho a Isaura ver o Jonas desaparecer... Geralmente, quem bebe como ela vê dobrado!

— Maurício... Sem comentários, tá?... — encerrou a garota.

Como todos rissem, inclusive Rubão, que normalmente tomava seu partido, Maurício elevou a voz:

— Podem rir... Qualquer dia vão descobrir que o Jonas é um fugitivo da Febem ou um desses garotos que matam a própria família... Aí quero ver vocês rirem. Em São Paulo aconteceu um caso desses; eu vi na televisão!

Nada do que Maurício disse conseguiu impressionar os companheiros. E ele não teve outra alternativa: muito ofendido, saiu sem se despedir, indo para casa mais cedo. E, com essas e outras, crescia sua antipatia por Jonas.

O sentimento, porém, não era correspondido. Apesar da insistente campanha de Maurício, Jonas demonstrava a mesma boa vontade. Estava sempre a postos para acompanhar quem o convidasse ou para fazer o que lhe pedissem. Mais que isso: sentia a necessidade de se enturmar e relacionar-se com os outros. E tanto se esforçava por conquistar a simpatia do grupo que acabou vítima de uma nova armadilha.

Convidado por Maurício e Rubão, não hesitou. Acompanhou-os ao ribeirão, onde eles costumavam nadar e, incentivado pelos dois, Jonas dispôs-se a saltar do perigoso tobogã, sem calcular os riscos a que se expunha.

Habitualmente, os jovens nadavam numa prainha sob a ponte; somente os mais ousados arriscavam-se a saltar do tobogã, um corredor estreito e escorregadio cavado nas pedras. As águas do ribeirão afunilavam-se através dele, despejando-se num poço profundo, cerca de três metros abaixo. O segredo da diversão estava em utilizar a canaleta de pedra como um escorregador e despencar-se no tanque.

Encorajado pelos companheiros, Jonas atirou-se à divertida e perigosa aventura, por pouco não se afogando. Além de ferir as costas contra as pedras, só descobriu que não sabia nadar depois de afundar duas vezes e beber muita água. Quando Rubão o tirou do tanque, Jonas estava roxo e sem fôlego. Foi a gota-d'água. Diante da notícia do quase afogamento do garoto, Ana Paula tratou de pôr em prática uma ideia que há tempos a perseguia.

Uma decisão importante

— Ainda é segredo, não quero que contem a ninguém... Muito menos ao Jonas! Seria uma decepção se não desse certo.

— De que você está falando? — interrogou Rafa, curioso.

— Eu falei com meus pais sobre levar Jonas pra morar com a gente.

Cláudia arregalou os olhos e demorou para recuperar-se da surpresa:

— Espere aí, Ana Paula... Você está falando de adotar o Jonas? Botar pra dormir dentro de casa e tudo?

— O que há de tão terrível nisso, Cláudia?

— Ora... Ninguém sabe quem ele é, de onde veio...

Ana Paula estava espantada com a reação da amiga. Geninho foi objetivo:

— E seus pais? O que disseram?

— Minha mãe gostou da ideia, mas meu pai... Ele acha que é uma responsabilidade muito grande. Disse que há problemas legais; precisa falar com o juiz, o delegado, sei lá quem.

— Se ele chegou a pensar no juiz, é porque levou a sério! — entusiasmou-se o garoto.

— Eu estou torcendo.

Cláudia, decididamente, não se entusiasmara:

— Meus pais nunca fariam uma coisa dessas! E eu? Já pensou? Como ia dormir à noite, sabendo que tem um estranho dentro de casa?

Ana Paula e Geninho entreolharam-se decepcionados. Era necessário dizer alguma coisa. Pouco depois, Cláudia retirou-se com a desculpa de ter lições para fazer. Rafa acompanhou-a até em casa.

— Poxa! Quem vê ela falar, vai pensar que o Jonas é um perigo! Eu vou torcer pra dar tudo certo!

— Vai dar, Geninho! Eu arranjei um excelente aliado.

— Um aliado? Quem é?

— O padre Olavo! Fui conversar com ele e pedi pra ele dar uma força.

— Xiii... Vai ser mais fácil do que eu pensava. Você já viu alguém dizer não ao padre Olavo?

Ana Paula mal aguentou o dia passar. Finalmente, já era noite e a garota pensava aflita: “Justo hoje meu pai tinha de se atrasar para o jantar!”. Foi quando ele chegou.

— Oi, Ana Paula... O padre esteve lá na loja...

— O padre Olavo? — indagou a Filha afetando surpresa.

— O que... O que ele queria?

— Falamos sobre várias coisas... Sobre a excursão da garotada à Serra do Mar, nas próximas férias...

— É... Todo ano nós vamos... E só falaram disso? — insistiu a menina, traindo a curiosidade.

Sem pressa, o pai esvaziou os bolsos, colocando o conteúdo sobre a escrivaninha.

— Também falamos de você... do Jonas...

— Do Jonas?

O homem riu e mudou de tom:

— O que você quer saber é se tomei alguma providência em relação ao Jonas, não é?

E antes que a Ana Paula tivesse tempo de dizer algo, o pai abriu o jogo:

— Fui falar com o doutor Argemiro, o delegado... O juiz mora em São Paulo...

— Você falou sobre o Jonas? — indagou a mãe, ansiosa, surgindo na porta da cozinha.

— Fale, pai! — implorou a filha.

— O doutor Argemiro procurou no arquivo informações sobre garotos desaparecidos, fugitivos de reformatórios, possíveis vítimas de sequestros. E, aparentemente, a descrição de Jonas não coincide com a de nenhum procurado.

Enquanto a esposa tentava entender, a filha perguntou:

— O que isso significa?

— Significa que podemos cuidar do Jonas, enquanto não for reclamado por ninguém.

— Oh, pai... Estou tão feliz! Você vai ver como o Jonas é bonzinho.

— Eu sei. Aliás, o padre Olavo disse que ele costuma aparecer na igreja.

— Eu estou feliz pela Ana Paula, pelo Jonas e por nós mesmos — confessou a esposa, emocionada.

As duas se abraçaram a ele, que demorou até conseguir falar:

— Só espero não me arrepender dessa decisão...

— Arrepender-se por quê? — admirou-se a mulher.

— Sei lá... Aconteceu tão de repente...

— Deixe disso, Abelardo. Logo você se habitua com a ideia.

O marido concordou com um gesto de cabeça e acrescentou:

— O problema é justamente esse... Mais do que nos acostumarmos à ideia, vamos nos afeiçoar ao garoto...

— Claro! Qual é o problema?



Os jovens acomodaram-se no quarto de Jonas, onde ficava a grande atração da turma: o videogame.

— O problema é que um dia... Daqui a uma semana, daqui a um ano, quem sabe... Pode entrar por aquela porta o pai, a mãe dele, um parente qualquer, para levá-lo. Já pensaram nisso?

Mãe e filha ficaram em silêncio. Não queriam pensar na possibilidade.

O primeiro dia

A entrada de Jonas na casa foi comemorada com um almoço especial. Geninho foi convidado e não fez cerimônia.

— Eu tenho certeza de que o Jonas não vai criar nenhum problema, dona Olívia.

— Claro que não, Geninho. Ele é um bom garoto.

Ana Paula não cabia em si de contentamento:

— Eu nem acredito! Você está contente, Jonas?

— Estou. Eu ficava cansado de andar o dia inteiro na rua. Queria uma casa, uma cama...

— Coitado! — lamentava a mulher.

Entre as idas e vindas da cozinha à copa e da copa à cozinha, a empregada escutava pedaços de conversa. Quando já não havia o que trazer, ela parou com as mãos na cintura e, encarando o garoto, perguntou:

— Dona Olívia... Será que eu entendi bem? Esse garoto vai morar com a família?

— Puxa vida! Me desculpe, Altamira... Foi tamanha confusão, tanta ansiedade, que me esqueci de lhe contar...

— É isso mesmo, Altamira! O Jonas vai morar aqui em casa — resumiu Ana Paula, feliz da vida.

A empregada mediu o garoto de cima a baixo, sem o menor entusiasmo, e retomou:

— Onde ele vai dormir?

— No quarto vago que a Ana Paula usa para estudar e reunir a turma. Já tem até cama.

— Ele vai dormir dentro? — admirou-se a mulher.

— Vai — respondeu dona Olívia. — Após o almoço quero que você faça uma limpeza no quarto e troque a roupa de cama.

— Tá bom.

A empregada preparava-se para sair, quando Abelardo a interpelou:

— Altamira... Qual é o problema? Você ficou chateada?

— Que isso, seu Abelardo?... Pra mim é serviço a mais. Mas serviço não me chateia, não.

Após o almoço, Geninho pegou sua bicicleta e foi para casa. O pai de Ana Paula voltou ao trabalho, enquanto mãe e filha chegavam à conclusão:

— Jonas precisa de um bom banho e de roupas limpas...

— Enquanto ele toma banho, podemos ir até a loja comprar uma calça e umas camisetas — propôs a filha.

— E cuecas e um par de tênis! — completou a mãe.

Ana Paula correu até a sala, onde Jonas assistia à televisão e avisou:

— Agora você vai tomar banho. E, enquanto isso, vamos comprar umas roupas pra você. Tá bom?

— Onde é que eu tomo banho?

A amiga levou-o ao banheiro, abriu a torneira e controlou a temperatura, ao mesmo tempo que dona Olívia lhe entregava a toalha e um sabonete novo.

— Está tudo aqui — mostrou Ana Paula. — Quando terminar, vista sua roupa mesmo e, assim que a gente chegar, você se troca.

— Você gosta de tomar banho? — perguntou a mulher.

— Gosto! Posso entrar?

— Claro.

Mãe e filha puxaram a porta e saíram às pressas para as compras de emergência.

— Vamos comprar um conjunto, só pra ele tirar a roupa suja... Mais tarde ele poderá escolher o resto de acordo com a sua preferência.

— Então, vamos.

As duas saíram para as compras e não se demoraram. Quando voltaram, a empregada avisou, com mau humor:

— O menino não saiu do banho até agora!

— Aconteceu alguma coisa, Altamira? — perguntou a garota, ansiosa.

— Sei lá.

— Você não olhou? — estranhou a patroa.

— Que isso, dona Olívia? Ele é homem!

— Ele é uma criança! — contrariou Ana Paula.

Após um gesto de nervosismo a mãe foi até a porta observar e constatou: Jonas continuava debaixo da água, esquecido da vida.

— O que aconteceu, mãe? — quis saber a garota, preocupada.

— Não se preocupe, Ana Paula. Ele está bem.

— Poxa! É banho demais!

A mãe concordou e chamou:

— Jonas, já chega. Enxugue-se e vista estas roupas.

— Ah, pode deixar, dona Olívia.

Quando a mulher voltou a observar, ele já havia se vestido e tentava amarrar os cadarços do tênis.

— Ana Paula, é melhor você ajudar...

A menina entrou mais que depressa e gostou do que viu:

— Nossa! Que bonito, Jonas! O tênis serviu?

— Serviu.

No final da tarde, quando o pai entrou, ela apresentou:

— Seu Abelardo, apresento o novo Jonas... De roupas novas, água-de-colônia, desodorante e tudo que tinha direito!

— Poxa! Vocês fizeram um belo trabalho! E então, Jonas, satisfeito?

— Eu estou! A gente estava esperando o senhor para o jantar.

Após a refeição chegaram Rafa e Rubão.

— E aí, dona Olívia? De filho novo, hein? — brincou Rafa.

— Ei, olhe só pra ele, Rafa! — cutucou Rubão, ao ver Jonas apontar na porta do quarto. — A senhora não quer me adotar não, dona Olívia?

Os jovens acomodaram-se no quarto de Jonas, onde havia a cama, uma estante com livros e a grande atração da turma: o *video game*. Foi preciso que seu Abelardo os avisasse sobre o horário.

— São dez e meia, gente.

— Puxa! Nem percebi o tempo passar! Vamos, Rafa.

— Vamos, Rubão.

Assim que os dois se retiraram, dona Olívia veio trazer o pijama para Jonas:

— Agora você vai vestir o pijama e escovar os dentes. Você costuma escovar os dentes?

— Os dentes? Não... — confessou Jonas.

— Mas precisa escovar, viu?

— Pode deixar, dona Olívia, eu escovo.

Minutos depois, Jonas estava confortavelmente instalado para a primeira noite de sono na nova casa.

— Será que ele vai ficar bem aí? — preocupou-se Ana Paula.

— Ele teve um dia muito agitado... Vai dormir como uma pedra!

Apagadas as luzes, mãe e filha dirigiram-se para seus quartos e dormiram. Acordaram, porém, antes do amanhecer.

— Socorro, dona Olívia! Acuda!

— O que é isso? — perguntou seu Abelardo, sentando-se na cama.

— Alguém gritou. Parecia a voz da Altamira... — observou a esposa.

Ainda indecisos, os dois ouviram:

— Socorro! Socorro, dona Olívia!

— É a Altamira! — confirmou a mulher.

No mesmo instante, Ana Paula entrou no quarto dos pais:

— O Jonas... Ele não está na cama...

O pai acendeu a luz e seguiu rápido em direção à cozinha, mãe e filha, logo atrás. Assim que puseram os pés na copa, os três viram, através da porta entreaberta, a empregada descabelada, na porta do seu quarto, e Jonas, a poucos passos, olhando para o céu.

— Que barulheira é essa, Altamira? O que houve?

— Seu Abelardo... Dona Olívia... Eu não durmo mais nesta casa!

Enquanto Ana Paula encaminhava-se para o garoto, a mãe tentava esclarecer a situação:

— Afinal, o que aconteceu, Altamira? Eu ainda não entendi.

— Se a senhora não entendeu, nem eu. Só sei que vi uma luz debaixo da porta e quando abri estava o menino aí bisbilhotando! Eu que não ia

esperar pra ver o que acontecia!

A mulher procurou pelo garoto, que permanecia no mesmo lugar, parado, sem palavras. Apesar de Ana Paula segurá-lo pelo braço, Jonas parecia não perceber. Mantinha os olhos fixos no céu nevoento da madrugada.

Um garoto do outro mundo

— Que coragem! Quer dizer que a dona Olívia pôs aquele menino esquisito pra dormir dentro de casa?

Isaura estava abismada com a novidade. A patroa, pelo contrário, não se mostrava surpresa:

— Estava mesmo adivinhando... Quando vi o padre conversando com seu Abelardo, já sabia que ia dar nisso.

— Se eles soubessem cada uma que aquele moleque apronta...

— É?... O que é que ele apronta, Isaura? — indagou a patroa, sem esconder a curiosidade.

— Ele não é gente, dona Antonieta! Não é coisa desse mundo, não!

Maurício, que tomava o seu café da manhã, interveio:

— Eu contei pra turma aquela história...

— Contou? E eles? — interessou-se Isaura.

— Morreram de rir. Fiquei com cara de tacho por sua causa! — reclamou o garoto.

Dona Antonieta alternava os olhos do filho para a empregada e dela para o filho, sem entender nada da conversa. Por fim, não se conteve:

— Que história é essa, Maurício? Me conte, Isaura... Que segredos são esses?

A empregada olhou para o garoto, que incentivou:

— Conte, Isaura.

— Eu nem gosto de falar nisso, dona Antonieta... Já aviso que é difícil de acreditar...

— Conte logo!

Diante da insistência, Isaura relatou o desaparecimento misterioso do garoto na ladeira do cemitério.

— ... quando chegou no topo da ladeira, desapareceu num estalo! Evaporou!

A patroa observou-a, séria, sem comentários. Após a pausa, indagou, com diplomacia:

— Isaura... Você... Por acaso, nesse dia, você não tinha tomado nada?...

— Está vendo, Maurício? É por isso que não gosto nem de falar nesse assunto!

O jovem ouviu a reclamação e virou-se para a mãe:

— Essa história da Isaura é muito esquisita mesmo... Acontece que eu, o Rafa e o Rubão vimos um negócio meio parecido...

— Nossa! O que vocês viram? — perguntou dona Antonieta, assustada.

Maurício contou à mãe sobre a brincadeira que haviam feito há dias, trancando Jonas na velha fábrica abandonada. E chamou a atenção para o desfecho do caso:

— Nós não o vimos desaparecer nem evaporar-se no ar... No entanto, ele desapareceu.

— Ora, Maurício... Eu não vejo razão nenhuma para vocês se impressionarem. Ele deve ter gritado, pedindo ajuda, e alguém o soltou.

— É a única explicação possível... Porém, quando voltamos para soltá-lo, tivemos a impressão de que ninguém havia tocado naquele fecho.

— Cruz-credo! Fico até arrepiada! — falou a empregada, passando as mãos nos braços.

Dona Antonieta retirou as xícaras e os talheres da mesa, colocando-os sobre a pia, onde Isaura descascava batatas para o almoço. Em seguida, passou o braço em torno do pescoço do filho e retomou, num tom divertido:

— Se aconteceu tudo como você contou, só há duas saídas: alguém o soltou, o que é bem provável... Ou ele saiu voando pelas janelas.

Como ela risse, Isaura resmungou:

— A senhora ri porque não viu... Se visse, não duvidava!

— Eu não estou duvidando — respondeu a mulher. — Se ele pode desaparecer num estalo, por que não pode voar?

E continuou a rir.

Aprendendo a viver

Na casa de Ana Paula, a família estranhara o novo morador nos primeiros dias. Antes de aprender a escovar os dentes, Jonas comera meio tubo de pasta de dente e, além disso, desconhecia a utilidade de objetos comuns, como o ferro de passar ou a enceradeira.

Ao mesmo tempo, demonstrava uma inteligência bem acima da média. Aprendia jogos e brincadeiras com grande facilidade, a ponto de tornar-se imbatível no *video game*. E interessava-se por qualquer tipo de assunto que lhe falassem, o que levou Ana Paula a uma nova exigência.

— O Jonas é muito inteligente! Se não for à escola, vai ficar atrasado!

— Nós não sabemos nem se ele frequentava escola, Ana Paula — retrucou o pai. — Além de que estamos a pouco mais de um mês para o encerramento do primeiro semestre.

Geninho apoiou a amiga:

— Eu acho que ele estava na escola, seu Abelardo... Talvez até mais adiantado... Ele resolve os problemas de matemática melhor do que todo mundo!

— A Olívia me contou... Mas podem não aceitar, porque está fora de época... Ele não tem documentos...

Ana Paula ficou quieta. Geninho sugeriu:

— Ele podia assistir às aulas sem compromisso... Quando o Jura veio do Mato Grosso, ele ficou como ouvinte.

— Isso mesmo! — lembrou-se Ana Paula. — Ele ficou como ouvinte porque chegou fora de época!

Dias depois Jonas estava frequentando regularmente as aulas. Para alegria de Ana Paula e dos amigos e para surpresa dos professores, que notavam a facilidade com que ele aprendia. E, naturalmente, para o despeito de Maurício e uns poucos alunos, que não entendiam a presença dele na sala de aula.

Na saída para o intervalo, Geninho não se continha de tanta impaciência:

— Oh, aula demorada! Pensei que não acabava mais! Vejam o que eu achei no jornal!

— Nossa, que agitação é essa? — perguntou Ana Paula.

— O que foi, Geninho? — interessou-se Jonas.

E o jovem começou a desdobrar a página de jornal:

— Agora quero ver quem vai rir de mim! Olhe só, Ana Paula!

A garota examinou o jornal e viu a foto de um estranho objeto circular fotografado sobre a represa.

— Isso aí é... é... É um disco voador?

— O mesmo que desceu lá em casa! — confirmou o garoto, agitado.

— É muito bonito! — aprovou Jonas.

— Você não viu nada. Aqui em baixo ficavam as luzes coloridas, acendendo e apagando... Precisava ver que coisa!

Jonas empolgava-se com a descrição do amigo, mas Ana Paula não se prendeu muito ao assunto:

— Pra mim, você não precisa provar nada. Eu sempre acreditei em você.

Rafa, Rubão e Maurício passaram e, ao contrário do habitual, não pararam. Quem se juntou ao grupo foi Cláudia, que teve de examinar a foto e ouvir as explicações de Geninho. Livre, enfim, do assédio, ela falou do que realmente lhe interessava:

— O que aconteceu com os três patetas? Passaram direto, cheios de segredinhos...

— Devem estar de mau humor — castigou Ana Paula.

— Eu vou mostrar o disco voador pra eles! — entusiasmou-se Geninho.

Entretanto, ao procurar, o grupo já havia desaparecido no meio da confusão que se formara diante da lanchonete.

— Pelo jeito eles não querem papo...

— Deixa pra lá, Cláudia. Daqui a pouco eles chegam — retrucou Ana Paula.

Quase acertou. Pouco antes da entrada para a aula, o grupo voltou. Ao contrário da expectativa, porém, Maurício lançou uma olhada fulminante na direção de Jonas e seguiu em frente. Rubão acenou com o braço levantado e seguiu-o. Apenas Rafa ficou para trás.

— Oi, Rafa — cumprimentou Jonas, contente.

— Oi, Jonas... Tudo bem?

Rafa respondeu ao cumprimento e tratou de colocar-se perto de Ana Paula.

— O que houve, hein? — interrogou Cláudia, aproximando-se. — O Maurício deu uma olhada que quase queimou meus cabelos.

Baixando o tom da voz tanto quanto possível, Rafa observou a conversa entre Geninho e Jonas, e segredou:

— Ana Paula... É bom o Jonas não circular por aí hoje...

— Ah, é? Posso saber por quê?

— O Fox sumiu de casa e o Maurício cismou que o Jonas aprontou alguma com o cachorro.

— O Fox? Ora essa! Deve estar virando lata por aí!

Rafa encolheu os ombros e pediu:

— Vá com calma. Só estou prevenindo porque, quando o Maurício cisma com uma coisa, é fogo!

Ana Paula ficou furiosa:

— Está vendo, Cláudia? O Jonas é culpado até pelos cachorros desaparecidos! O Maurício devia envergonhar-se!

— Bem... Todo mundo sabe que ele não gosta do Fox... Não é segredo pra ninguém.

— Cláudia... É o Fox que não gosta dele!

Nesse momento, Geninho e Jonas, que escutavam a conversa voltaram-se surpresos.

— O Fox desapareceu? — perguntou Geninho.

E Jonas justificou-se:

— O Maurício está enganado. O que eu poderia ter feito com o cachorro?

— Não sei — respondeu Rafa. — De qualquer forma, é melhor não ficar de boqueira por aí. O Maurício disse que vai te pegar!

Jonas ficou surpreso com a ameaça. Quando Rafa saiu, para se reunir aos outros, Geninho bateu na cabeça:

— Puxa vida! Esqueci!

— Esqueceu de quê? É alguma coisa sobre o Fox? — interessou-se Ana Paula.

— Que Fox, que nada! Esqueci de mostrar a foto do disco voador pro Rafa!

Encontro desagradável

— O Jonas, às vezes, me deixa confusa!

— O que ele fez, dona Olívia? — perguntou Altamira, cortando os bifés sobre a pia.

— Não fez nada.

— Ué... E a senhora fica confusa a troco de quê, então? desentendeu a empregada.

— Eu não compreendo como é que um garoto inteligente, que aprende tudo com facilidade, não sabe pra que serve um aspirador de pó... Precisava ver o susto que levou quando liguei o aparelho.

A empregada reagiu com um muxoxo e acrescentou:

— Eu não estranho. De onde ele veio é bem capaz de não existir essas coisas.

— Não existir aspirador de pó? De que você está falando, Altamira?

— Ué... Eu acho que ele é de família pobre... Quem sabe até morava na roça... E nunca viu nada disso.

— É... Pode ser. — considerou dona Olívia.

Altamira prosseguiu com o corte da carne e, olhando a patroa de lado, retomou:

— A não ser que ele se faça de desentendido...

— Por que você diz isso?

— Não sei, não. A doença dele... Essa tal de... de...

— Amnésia — falou a patroa.

— É isso aí. Não está bem explicada, não — observou Altamira.

A dona da casa apenas olhou para a empregada, que se explicou:

— Um dia, ele lembra das coisas, brinca, joga... No outro, esquece até de comer. Como é que pode ser isso?

— Não exagere, Altamira, eu nunca vi o Jonas ficar sem comer. Além disso, amnésia é assim mesmo. O Abelardo está tentando descobrir um bom especialista para levá-lo.

Do seu quarto, Ana Paula ouvia o diálogo, mas não conseguia tirar da cabeça a conversa da manhã com Rafa. Sentada na cama, só imaginava o que o Maurício estaria tramando para prejudicar Jonas. Quando o garoto saiu do banheiro, Ana Paula, com as roupas debaixo do braço, propôs:

— Vou tomar um banho bem rápido, pra gente dar uma volta antes de jantar. Você topa?

— Topo! Vou esperar no portão — anunciou Jonas.

— No portão? Está bem... Mas não saia sem mim, tá? — advertiu a garota.

— Tá.

Após o banho, Ana Paula foi até o portão. Não encontrando Jonas, correu até a cozinha, aflita:

- Mãe, a senhora viu o Jonas?
- Estava no portão. Disse que ia sair com você.
- Oh, meu Deus...

A garota voltou para a frente da casa, no momento em que chegava a amiga.

- Cláudia... Você viu o Jonas por aí?
- Vi. Estava indo em direção ao rio, com o Maurício e o Rubão.
- O Maurício e o Rubão? — estremeceu Ana Paula.
- É... Parecia muito contente.

Ana Paula não perdeu tempo:

- Emprésteme sua bicicleta... É só um minutinho.
- Onde você vai? — quis saber Cláudia.
- Espere aí em casa, que eu já volto.

Enquanto Cláudia observava, Ana Paula montou e começou a pedalar. Contornou a praça e seguiu pela rua de paralelepípedos onde ficavam as antigas fábricas e pequenos prédios escurecidos. Após alguns quarteirões, a rua calçada desembocava na estradinha de terra batida que ia ter à ponte.

Olhos fixos à frente, Ana Paula pedalava tão rápido quanto lhe permitiam as forças. Ao atingir a estradinha de terra, os esforços com os pedais começaram a render menos. Sentindo o rosto quente pelo exercício, ela ameaçava, entre dentes:

— Se o Maurício ou o Rubão fizerem alguma coisa ao Jonas, eu... eu... Eles me pagam!

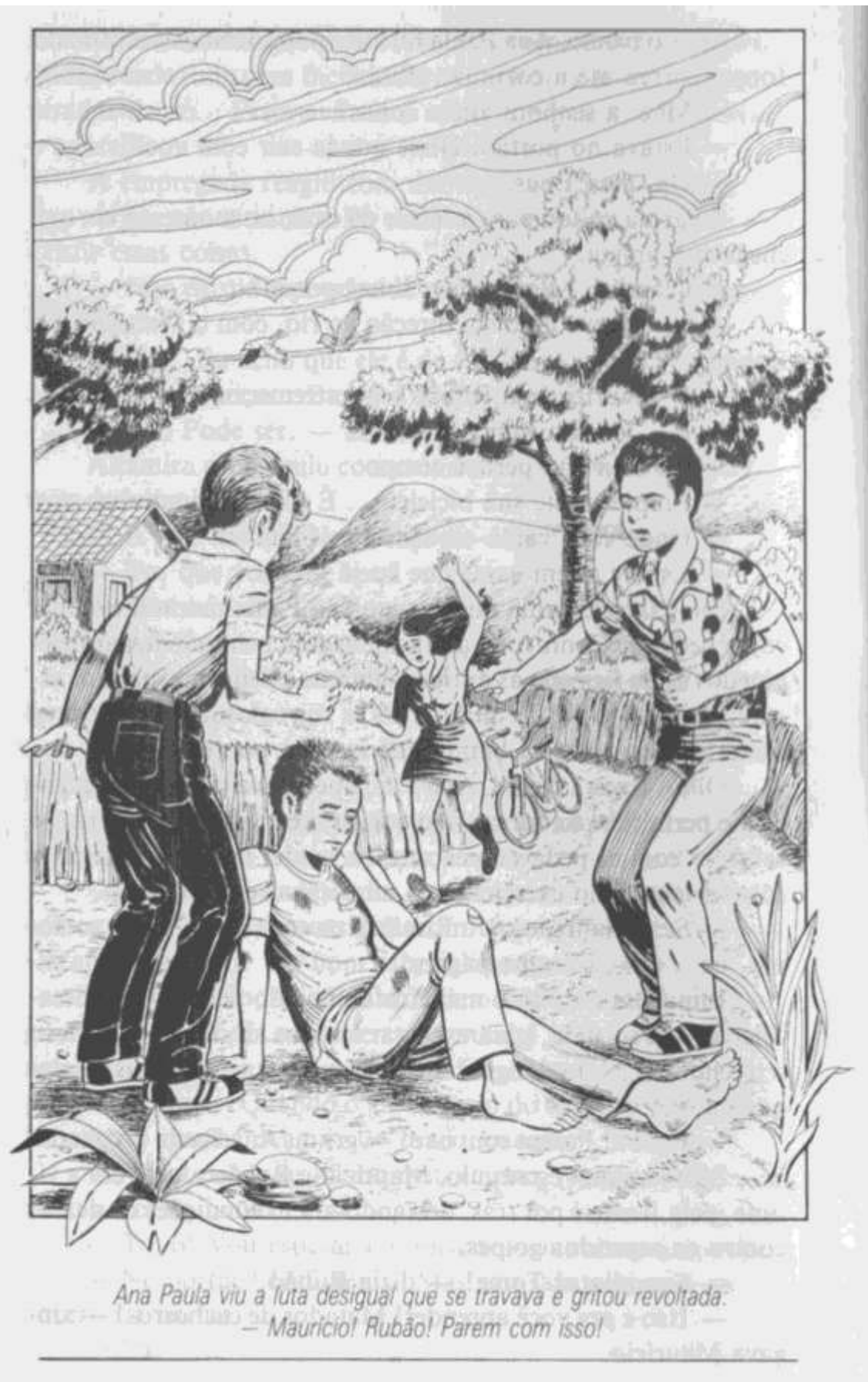
Imprimiu um ritmo mais forte, movido pela raiva, e desacelerou, em seguida, para executar a curva. E, tão logo venceu o trecho, viu a luta desigual que se travava a pouco mais de cinquenta metros.

- Parem! Parem com isso! — gritou Ana Paula revoltada.

Sem nenhum escrúpulo, Maurício e Rubão atacavam a vítima, pela frente e por trás, deixando-a sem condições de defesa contra os repetidos golpes.

- Seu idiota! Tome! — dizia Rubão.

— Isso é pra você aprender! Matador de cachorros! — xingava Maurício.



Os dois estavam tão entretidos na pancadaria que só perceberam a presença da amiga, quando ela já encostava a bicicleta na beira da estrada.

— Maurício! Rubão! Parem com isso!

Rubão agarrou o companheiro pelo braço, tirando-o de cima de Jonas, que rolara para o chão, levantando poeira.

— Chega, Maurício! Olhe a Ana Paula!

— Ela que se dane!

Maurício desabafou, mas correu atrás do amigo, assim que a menina se aproximou.

— Jonas... Você está bem?

Ainda no chão, um cotovelo apoiado à terra, Jonas apalpava o lábio inferior, rachado em virtude de um soco bem-aplicado. Do nariz escorria um filete de sangue, que manchara a camisa na altura do peito.

— Selvagens! É isso que eles são! — dizia Ana Paula.

— O Maurício... O Maurício disse que eu sumi com o Fox... Eu nem vi o cachorro — observou Jonas.

— Eu sei. O Maurício não gosta de você.

Jonas encarou-a, confuso:

— Por que ele não gosta de mim? Eu nunca fiz nada pra ele. Eu só atirei aquela pedra no Fox porque ele mordeu minha perna.

Ana Paula não sabia o que dizer. Mantinha-se ajoelhada ao lado de Jonas, enquanto o garoto permanecia atirado ao chão, sem ânimo para se levantar.

— Você não devia ter vindo com eles. Eu pedi pra me esperar...

— Eu estava no portão, o Maurício convidou pra dar uma volta... O Rubão disse que era rápido... que a gente voltava logo... — tentava explicar Jonas.

— Você não pode acreditar em tudo que dizem! — avisava-lhe a amiga.

— Não?

Jonas estranhava. A garota limpou-lhe o rosto com a camiseta e convidou:

— Vamos pra casa. Está ficando escuro.

— Eu não compreendo... — balbuciou ele.

— O que você não compreende?

— Por que o Maurício não gosta de mim.

Ontem foi um cão. Amanhã será um de nós.

Ao ser vaiada por apagar o protesto escrito em letras de fôrma no quadro-negro, Ana Paula imaginou estar pondo fim à derradeira manifestação pelo incidente com o cachorro. Estava longe de imaginar que as dificuldades apenas se iniciavam.

À noite, logo após o jantar, a família assistia à novela, quando tocaram a campainha.

— Vai ver quem é, Ana Paula — pediu dona Olívia.

A garota abriu a portinhola de vidro e surpreendeu-se:

— Dona Clarice? Entre... Entre, por favor — falou, girando a chave na fechadura.

Diante da porta aberta, a visitante interrogou:

— Oi, Ana Paula... Seus pais estão?

— Estão... Entre.

Quando a professora entrou, Jonas cumprimentou, alegre:

— Oi, dona Clarice... Tudo bom?

— Tudo bem, Jonas. E você?

— Estou assistindo televisão.

Ana Paula continuava surpresa com a visita. E a mãe, a custo conseguia disfarçar a estranheza. A não ser nas reuniões de pais e mestres, jamais havia falado com dona Clarice. A professora de Português lecionava na cidade, mas morava em São Bernardo. De fato, era a última pessoa que esperavam receber àquela hora.

— Sente-se, professora... — convidou dona Olívia.

— Obrigada. A demora é pouca.

Jonas, dona Olívia e Ana Paula aguardavam que a professora dissesse algo, mas ela mostrava-se embaraçada. Sentada na beira da poltrona, olhava para os jovens e ria sem jeito. Então, virou-se para a dona da casa:

— Dona Olívia... Espero não estar incomodando.

— De maneira nenhuma, dona Clarice.

— Eu precisava conversar um minuto com a senhora e com seu marido, se possível... Em particular...

Dona Olívia virou-se para a filha e pediu:

— Chame seu pai, Ana Paula.

Seu Abelardo, que lia jornal no quarto, entrou, cumprimentando. Depois, disse à filha:

— Ana Paula... Por que você e o Jonas não vão ouvir um pouco de música?...

— Vamos, Jonas — disse a garota saindo da sala.

A visitante acompanhou a retirada dos jovens com um sorriso encabulado e comentou:

— Vocês têm uma bela filha... Inteligente, aplicada...

— Bem, então não é nenhum problema disciplinar com a Ana Paula — brincou seu Abelardo.

— Não, não é. O assunto que me traz aqui diz respeito ao Jonas.

— Jonas? — estranhou dona Olívia. — O que houve com ele?

A professora respirou fundo e pigarreou. Sentia uma enorme dificuldade para falar. De pé junto à porta do quarto, Ana Paula tentava ouvir.

— Seu Abelardo... Quando o senhor foi me pedir para o Jonas assistir a aula, pareceu-me uma boa ideia, apesar da situação irregular...

— Ficamos muito gratos pela sua compreensão — admitiu seu Abelardo.

— Na verdade, era o tipo de decisão que não podia assumir sozinha. Por isso consultei a diretoria, que consentiu, em atenção ao senhor e à dona Olívia.

Os pais de Ana Paula silenciaram, a professora prosseguiu:

— Eu vou direto ao assunto. A diretoria reconsiderou a decisão.

— Reconsiderou? — interrogou a dona da casa. — O que significa isso?

— A partir de amanhã, Jonas estará impedido de frequentar as aulas — anunciou dona Clarice.

O casal estava de boca aberta, mas nenhum dos dois conseguiu dizer nada.

— Infelizmente, a decisão está tomada. Eu fui encarregada de transmiti-la a fim de evitar constrangimentos para o garoto — acrescentou a professora.

— E por que a reconsideração? Se há uma razão, nós temos o direito de saber! — protestou dona Olívia.

— Bem... A decisão foi tomada a pedido de alguns pais de alunos. Eles acham a convivência perigosa para os seus filhos — explicou a professora.

Seu Abelardo não se conformou:

— A senhora acha justo impedir o acesso de um garoto à escola só porque algum pai neurótico pressionou a direção?

— Não foi um pai, seu Abelardo. Foram vários. Houve um abaixo-assinado do qual participaram praticamente todos os pais de alunos da classe. Apenas três ou quatro deixaram de assinar.

— Por quê? Jonas é incapaz de qualquer maldade! — considerou dona Olívia.

— Espero que os senhores compreendam. — disse a professora, levantando-se. — A decisão não foi minha. A própria diretoria não teve alternativa; os pais ameaçaram transferir as crianças para outro colégio.

No intervalo que se abriu ouviram os soluços de Ana Paula. Confusa, a professora tropeçou no tapete, a caminho da porta.

— Sinto muito — disse ela. — Se vale como consolo, também fui repreendida por propôr a admissão de Jonas.

Salvo pelo gongo

O comportamento de Jonas se alterara visivelmente desde que deixara a escola. Por mais que tentasse disfarçar a frustração, não conseguia. Durante o tempo em que Ana Paula permanecia na escola, ele ficava em casa, quieto e pensativo. De repente, aquele jovem tranquilo, bom, educado começava a se tornar uma pessoa nervosa, inquieta, agressiva.

Dentro de seu quarto, folheava jornais, revistas, livros, tudo que tivesse imagem, como se procurasse algo. Quem sabe, após a proibição e o consequente afastamento dos companheiros, acabara se voltando com mais força para o próprio problema. A procura inútil por algo que ninguém sabia o que fosse o desesperava de tal maneira, que ele acabava por atirar os impressos contra a parede.

A agressividade só amenizava quando dona Olívia abria a porta do quarto e avisava:

— Está na hora de Ana Paula sair... Você não quer ir esperá-la?

Imediatamente o riso tristonho voltava ao rosto de Jonas. Levantava-se num salto, ajeitava a camiseta dentro da calça e disparava como um raio em direção à escola. Só então lembrava o garoto dos primeiros dias. Por isso, dona Olívia estranhou quando a filha chegou sozinha, aflita.

— Cadê o Jonas? Por que não foi me esperar? — quis saber Ana Paula.

A mãe encarou a menina, preocupada:

— Eu não sei. Bati na porta, como faço diariamente, para avisá-lo que estava na hora da sua saída; mas o quarto está vazio. Pensei que já tivesse ido encontrá-la.

A empregada, que se aproximava nesse momento, também foi interrogada pela menina:

— E você, Altamira?... Também não viu o Jonas?

— A última vez que vi, ele estava no quarto folheando uma revista. E não estava bem, não; virava a página de um jeito que só faltava rasgar a revista.

Dona Olívia ia dizer algo, mas foi interrompida pela entrada de Rafa e Geninho.

— E aí, o Jonas está em casa? — interrogou Rafa.

— Está nada. Sumiu — avisou Ana Paula.

— Calma, minha filha. Talvez ele tenha saído para dar uma volta e se esqueceu do horário.

— Só pode ser — concordou Geninho. — Daqui a pouco ele está aqui.

— Não sei... O Jonas anda diferente... — retrucou a jovem. E não segurando o choro, correu a abraçar a mãe. — Vai ver que ele se cansou da gente e foi embora!

— Não diga isso, minha filha. O Jonas só está chateado... Quando ele começava a gostar da escola, teve de parar... Mas não vai fugir por causa disso.

Os garotos não sabiam o que dizer. Geninho decidiu:

— Eu vou dar uma volta de bicicleta, pra ver se acho o Jonas. Se não achar, vou até em casa avisar e volto.

— Ótima ideia! — aplaudiu Rafa. — Vou pegar a bicicleta da Cláudia e ajudar.

— Combinado! — respondeu o amigo.

Após o almoço, Rafa e Geninho viraram a cidade de pernas para o ar; pedalarão até as estradas mais próximas, até a beira do ribeirão, subiram a ladeira do cemitério, sem qualquer resultado positivo. Às quatro, reuniram-se com Ana Paula e Cláudia, no ponto de encontro.

— E aí, Geninho? — perguntou Cláudia, adivinhando a resposta.

— Sumiu! Não está em nenhum lugar!

— Rafa... Por favor, diga alguma coisa... — pediu Ana Paula, abatida.
— Você viu o Jonas?

— Nem sombra! Evaporou!

Ana Paula passou o lenço nos olhos e perguntou:

— Rafa... Será que o Maurício não aprontou outra, não?

— Eu desconfio que não — intrometeu-se o Geninho. — Ele e Rubão estavam pescando lá na ponte.

Desanimada, a garota resolveu ir para casa:

— A última esperança é que meu pai tenha encontrado.

Geninho acompanhou-a. Rafa e Cláudia foram para casa, prometendo voltar logo mais.

— Não se preocupe — falou Rafa, de saída. — Nós vamos encontrar o Jonas.

Ana Paula e os pais acabavam de jantar, quando Rafa chegou.

— E aí, pessoal? Nada ainda?

— Nada — confirmou Ana Paula, triste.

— Então, vamos sair! Vamos procurar!

— Deixe, Rafa. Você e o Geninho já correram a tarde inteira — pediu o pai da garota. — Eu comuniquei o fato ao delegado e ele colocou dois soldados para procurar.

O homem levantou-se da mesa, demonstrando uma tranquilidade que não tinha, e falou:

— O melhor que vocês fazem é consolar a Ana Paula. Ela está precisando de amigos como vocês.

— Pode deixar, seu Abelardo — prontificou-se Geninho.

— Meu Deus! Onde estará esse menino?... — sussurrou dona Olívia.

— Eu sempre falei pra senhora que esse menino ainda ia causar problema! — intrometeu-se a empregada, recolhendo as louças.

Ninguém disse uma palavra. Só retomaram o assunto depois que Geninho saiu do banheiro.

— Eu vou indo, dona Olívia. Eu queria fazer alguma coisa, mas moro longe...

— Não se preocupe, Geninho. A polícia vai encontrar o Jonas.

— Eu vou aproveitar pra sair com o Geninho — falou Rafa. — No caminho dou mais uma olhada.

— Vão com Deus! — disse a mulher.

Despediram-se de Ana Paula e, na porta da casa, quando Geninho já montava na sua bicicleta, Rafa apontou para o lado onde ficava a escola.

— Olha lá, Geninho... O que será aquilo?

Um grupo de pessoas perseguia alguém. Vinham na direção deles e gritavam:

— Pega! Lincha!

— Deve ser algum ladrão! — opinou Geninho. — Eu não gostaria de estar na pele dele, não!

O grupo vinha na mesma rua, porém, ao chegar à praça, virou à direita, seguindo pela calçada da igreja.

— Xiii... O cara entrou na igreja! Vamos lá, Geninho!

— Vamos!

Os dois correram e, contornando o canto da praça, alcançaram a frente da igreja. Como vários curiosos entrassem, eles fizeram o mesmo.

— Vão acabar com a novena do padre Olavo... — comentou Rafa.

— Ali, olhe... Naquele canto... — indicou Geninho.

— Vamos lá.

Os dois garotos foram abrindo passagem em meio ao aglomerado, tentando descobrir o que ocorria no centro. Antes que conseguissem, ouviram a voz do padre:

— Que falta de respeito é essa? Saiam já!

Quando o círculo se desmanchou, Rafa não quis acreditar. Olhou para Geninho, que ficara sem voz e falou:

— Depressa, Geninho... Vá chamar o seu Abelardo!



— O que aconteceu, padre Olavo? Que violência é essa? — quis saber seu Abelardo.

Um dia difícil

Quando a família de Ana Paula chegou, o padre já havia acalmado os mais exaltados. No centro da pequena roda, um soldado segurava Jonas pelo cós da calça.

— Jonas! O que fizeram com você? — gritou Ana Paula, correndo ao seu encontro.

O soldado puxou-o contra si e avisou seu Abelardo:

— É melhor chamar a menina. Não pode tocar no preso!

— Preso? Esse garoto mora conosco! Por que está sendo tratado dessa maneira? — quis saber dona Olívia.

— A senhora dê graças a Deus e ao padre por ele estar vivo!

— O que aconteceu, padre Olavo? Que violência é essa?

O padre aproximou-se do casal e falou em voz baixa, procurando não ser ouvido pelos curiosos:

— Pelo que sei, houve um princípio de incêndio na escola. E seu Abílio, o porteiro da noite, disse que viu o Jonas no local.

— É mentira, padre Olavo! O Jonas não faria isso! — rebelou-se Ana Paula.

— Tenham só um pouquinho de paciência, que o delegado deve estar chegando — aconselhou o padre. Então, saberemos ao certo o que houve.

Jonas estava descalço e tinha a roupa manchada de carvão. Olhava assustado para as pessoas em volta e tremia como se sentisse frio. Os olhos cinzentos e medrosos não demorariam a explodir em lágrimas.

— Não se preocupe, Jonas. Nós estamos aqui — consolou Ana Paula.

— Isso mesmo! — endossou Rafa. — Assim que o delegado chegar, tudo ficará resolvido!

— Ele vai soltar você! — confirmou Geninho.

Assim que o delegado Argemiro chegou, mandou evacuar a igreja, permanecendo apenas os interessados diretos no caso. Então, dirigiu-se ao homem que segurava Jonas e perguntou:

— O que houve, soldado?

— Houve um princípio de incêndio no almoxarifado da escola. Segundo o seu Abílio, deve ter sido o garoto. Por pouco o povo não o linchou.

— Solte o garoto.

O subalterno obedeceu, contrariado. Ana Paula e a mãe abraçaram-se ao garoto, enquanto doutor Argemiro reclamava:

— E agora, seu Abelardo? A situação do jovem com a família não é nada regular. No fim, eu é que acabo me metendo em encrenca.

— Eu não creio que o Jonas tenha feito o que dizem! — reagiu seu Abelardo. — Ele é um bom menino!

— Ele está com a camisa suja de carvão.

Automaticamente a mulher passou a mão sobre a mancha, tentando

limpar.

— Talvez tenha estado perto do fogo... Isso não significa que tenha incendiado a escola — lembrou seu Abelardo.

— Não era melhor ouvir o que Jonas tem a dizer? — sugeriu o padre.

— Ao seu tempo — falou o delegado. — Ao seu tempo.

E, virando-se para o porteiro:

— Seu Abílio, o senhor viu o garoto pôr fogo na escola?

O homem de avental branco aproximou-se, sorridente:

— Eu vi, doutor. Quer dizer... Eu vi uma fumaça saindo do almoxarifado. Quando corri pra ver o que era, esse menino escapuliu por baixo das minhas pernas e começou a correr. Daí, o povo correu atrás.

— Humm... A porta do almoxarifado estava aberta. Havia fogo e o garoto estava lá dentro. É isso? — resumiu o delegado.

— Isso mesmo — confirmou o porteiro, prestativo.

O policial, sério, virou-se para o garoto:

— Por favor, soltem um pouco o Jonas. Preciso que ele me responda a algumas perguntas.

Ana Paula e a mãe afastaram-se até onde estavam seu Abelardo e o padre. O porteiro juntou-se ao soldado, no lado oposto.

— Muito bem, Jonas. Conte-nos o que você estava fazendo na escola.

— Não estava fazendo nada. Fui só olhar.

— Olhar a escola? — admirou-se o policial.

— O Jonas estava frequentando as aulas e teve que parar por causa de um abaixo-assinado — explicou dona Olívia. — Talvez ele tenha sentido falta.

O delegado ouviu-a contra a vontade e voltou-se para Jonas:

— Como você entrou na escola?

— Pelo portão — respondeu o garoto.

— Mentira! — retrucou o porteiro, rápido. — Eu fiquei o tempo todo lá!

— Se o Jonas disse que entrou pelo portão é porque entrou! — teimou Ana Paula.

— E então? — insistiu o delegado. — Por onde você entrou?

— Pelo portão — confirmou Jonas. — Seu Abílio estava conversando com o pipoqueiro e não me viu.

Diante do olhar incisivo do policial, o porteiro ficou vermelho e admitiu:

— Eu... Eu estive dando uma prosinha com o pipoqueiro. Coisa de um minuto. O que interessa é que o almoxarifado pegou fogo e ele estava lá dentro.

— E então, Jonas?... Vai me contar o que você foi fazer na escola? — insistiu mais uma vez o policial.

— Eu tinha que esperar a Ana Paula sair. Todo dia vou esperar...

O delegado interrogou dona Olívia:

— A menina não estuda no período da manhã?...

— Estuda. O Jonas deve ter-se atrapalhado.

— Eu dormi — revelou Jonas. — Acho que dormi. Quando acordei, a Ana Paula tinha saído.

O casal trocou uma olhada rápida, o policial coçou a cabeça e falou:

— Sabe o que eu estou achando? Você ficou com raiva porque foi impedido de frequentar as aulas e por isso resolveu pôr fogo na escola. Não foi isso?

Mãe e filha quiseram protestar, mas foram impedidas pelo olhar severo do interrogador.

— Não! Eu não pus fogo! — negou Jonas, com veemência.

— Seu Abílio viu você dentro do almoxarifado, não viu?

— Viu... Viu... — confirmou o garoto.

— E o almoxarifado estava pegando fogo?

— Estava. Mas não fui eu, foram aqueles três! — revelou Jonas.

O delegado quis saber:

— De quem ele está falando? Quem são esses três?

— Eu só vi um. Era ele — riu o porteiro, irônico.

— O seu Abílio não viu, ele ainda estava conversando com o pipoqueiro! Os três saíram do almoxarifado e pularam o muro! — explicou Jonas.

— E quem eram esses três? — quis saber o policial.

— Eu não conheço! Um deles carregava uma sacola cheia de coisas.

O delegado observou o garoto por alguns instantes em silêncio e perguntou:

— Por que não comunicou o fato ao seu Abílio?

— Achei que não precisava. Duas moças viram quando eles pularam o muro e foram chamar a dona Irene — esclareceu Jonas.

— Dona Irene é a servente?

O porteiro confirmou e o garoto prosseguiu com o relato:

— A porta do almoxarifado ficou aberta, eu fui olhar. Então, vi um monte de papel pegando fogo. Eu quis apagar, mas o fogo subiu nas garrafas de plástico e deu um estouro. Aí o fogo espalhou por toda a prateleira.

— Está vendo? — alertou a mulher. — O Jonas é inocente!

— Por favor, minha senhora... — pediu o policial, e voltou ao interrogado:

— Você não fez nada? Ficou olhando o fogo?

— Eu saí correndo, queria pedir ajuda... Mas na porta encontrei o seu Abílio e tive de fugir. Ele ia pensar que eu tinha posto o fogo.

O policial virou-se para o porteiro, indagando:

— O que o senhor acha da história, seu Abílio?

— Não sei, doutor. A única coisa que eu sei é que ele estava lá dentro.

— Segundo o garoto, duas moças viram os marginais saltando o muro e avisaram a servente...

— Eu não estou sabendo de nada — confessou o porteiro.

— Pois é melhor o senhor saber direitinho, antes de fazer alguma acusação grave. Aliás o senhor tem responsabilidade no caso.

— Eu? apavorou-se seu Abílio.

— O senhor conversava com o pipoqueiro, quando devia estar de olho bem aberto, zelando pela segurança da escola e dos alunos!

— Certo, doutor.

O padre não se conteve e abraçou Jonas.

— Eu tenho certeza de que você falou a verdade.

— É... — concordou o policial. — Não seria este o primeiro caso de vandalismo ou assalto contra uma escola do município.

— Graças a Deus! — suspirou dona Olívia, aliviada.

— Eu sabia, Jonas... Eu sabia que você jamais faria uma coisa dessas... — soluçava Ana Paula.

Pouco depois, seguiam para casa, abraçados dois a dois. Pai e mãe. Ana Paula e Jonas. Fora um dia difícil.

Em busca do passado

Apesar da conclusão do policial, inocentando Jonas, o princípio de incêndio, que destruiu algumas prateleiras e boa parte do material estocado, contribuiu para aumentar as desconfianças que muitos pais alimentavam em relação ao estranho.

— Quem quer acreditar, acredita até no que duvida! A servente da escola confirmou a versão contada pelo Jonas!

— Eu sei, dona Olívia! Essa gente tem a boca grande mesmo!

— Olhe, Altamira, eu não quero nem saber o que dizem. Você, que vive aqui dentro e sabe que o Jonas é um bom menino, devia ser a primeira a defendê-lo.

— Eu defendo, dona Olívia! Ainda ontem dei umas respostas atravessadas pra mãe do Maurício, que veio com umas perguntas esquisitas sobre o Jonas!

A patroa examinou-a com ar dubio e não se convenceu. Altamira não escondia o despeito que sentia pelo garoto. Era mais provável que tivesse dado um punhado de informações distorcidas, contribuindo para reforçar ainda mais os boatos.

Na verdade, o problema, iniciado por uma intolerância entre garotos, ganhara uma dimensão incompreensível após a elaboração do abaixo-assinado pelos pais de alunos e, sobretudo, com a má vontade que as pessoas demonstravam em aceitar a inocência de Jonas no caso do incêndio. De repente, toda a comunidade participava da discussão, dividindo-se entre os muitos que viam Jonas como um perigo à segurança de seus filhos e os poucos que se solidarizavam com a infelicidade do garoto.

Caminhando a sós pela rua ou acompanhado dos amigos, Jonas percebia as reações das pessoas, que variavam de cochichos maldosos e risos, até o susto que fazia acelerar o passo das senhoras idosas. Isaura fazia o sinal-da-cruz toda vez que o encontrava. E se houvesse tempo, atravessava a rua, mudando de calçada. No início, Jonas achava graça; com o passar do tempo, a graça foi desaparecendo.

Por isso, sem dúvida, dona Olívia lhe pedira para não sair. Ana Paula estava na casa de uma colega, fazendo um trabalho da escola, e não poderia acompanhá-lo. A mulher preocupava-se, temia que ele se metesse em apuros. Sabia o que pensavam a respeito dele e queria evitar embaraços. Só podia ser isso. E com Ana Paula não era diferente. Gostava da garota, mas em vista das circunstâncias começava a encará-la como um par de muletas, sem o qual o menor movimento tornava-se perigoso. E a ideia o desagradava profundamente.

Assim, apesar do sentimento de culpa, desobedeceu dona Olívia e saiu para a rua. Precisava caminhar, pôr os pensamentos em ordem, ou a cabeça explodiria. Deu uma volta no quarteirão, examinou os quatro cantos da praça e acabou optando pelo banco da alameda lateral, o ponto de encontro da turma.

A caminhada lhe fizera bem, embora soubesse que os problemas continuavam os mesmos. Do banco percebeu quando as luzes acenderam na frente da casa e dona Olívia veio até a porta. Ansiosa, ela procurava de um lado e de outro. Quando esticou a vista na direção da alameda, ele usou

o costado do banco como escudo.

— O que foi, Jonas? Está se escondendo de alguém?

A interrogação fulminou-o pelas costas. Impossível qualquer tentativa de disfarce contra o flagrante.

— Oi, Rafa... Nem vi você chegar.

— É alguma brincadeira com a Ana Paula?

— Não. A Ana Paula está na casa da Cristina, fazendo um trabalho de escola.

Rafa sentou-se ao lado de Jonas, que decidiu enfrentar a situação:

— Devia estar parecendo meio esquisito...

— Estava mesmo — concordou Rafa.

Jonas revelou, então, suas inquietações e a conversa que tivera há pouco com dona Olívia, justificando sua atitude no momento em que ela surgira no portão à sua procura.

— Eu precisava sair, entende? Eles estão me protegendo como se eu fosse incapaz de sair à rua sozinho.

— Eu acho normal que eles se preocupem, Jonas. Você tem passado cada uma...

— Eu sei que crio problemas pra eles. Talvez fosse melhor continuar sem casa, sem família, sem nada.

— Não foi isso que eu quis dizer — justificou Rafa. — Você tem uma família que te adora! Tem amigos! E todos se preocupam com você.

— Mesmo sem querer, eu crio problemas! Minha presença cria mal-estar entre as pessoas.

— Você está exagerando — considerou Rafa.

Jonas encarou o amigo, caçou as palavras e falou com uma franqueza quase rude:

— Sua mãe, por exemplo. Ela nunca responde meus cumprimentos e tenho certeza de que entrou no abaixo-assinado... Por que ela faz assim se nem me conhece, nunca falou comigo?

Bastante constrangido, Rafa admitiu:

— É verdade, ela assinou. Minha mãe é assim mesmo. Ela assinou porque a mãe do Maurício pediu.

— Não fique chateado, Rafa. Foi só um exemplo. A maioria das pessoas faz até pior.

— Eu sei, Jonas, e não aprovo o que fazem com você.

Jonas fez uma pausa, enquanto olhava atentamente para o cavalo que passava na rua ao lado. Então, voltou ao amigo, como se falasse a si mesmo:

— Por alguma razão que eu não sei, não consigo me lembrar de nada, a não ser das coisas e pessoas que conheci aqui... Mas não sou doido, como as pessoas dizem!

O garoto estava muito emocionado; então Rafa passou-lhe o braço sobre os ombros.

— Eu sei que não adianta dizer nada. Mas eu me sinto culpado pelos outros...

Jonas ajeitou-se, passou o braço direito sobre os olhos e recobrou a voz:

— Se as pessoas pudessem imaginar como é duro não saber nada da própria vida... Às vezes penso que vou mesmo ficar louco!

— Seu Abelardo está tentando descobrir um bom médico.

— Quem sabe eu não sou mesmo um extraterrestre, como disse o Maurício?... — considerou Jonas.

Rafa riu, mas contrariou:

— Foi uma piada sem graça.

— Os jornais só falam disso; parece que os discos voadores gostam da represa — continuou Jonas.

— Não sei, eu quase não leio jornal. O que eu gosto é de livros de aventuras, suspense... Você não gosta?

Jonas sacudiu a cabeça:

— Eu prefiro jornais e revistas. Vejo todas as fotografias. E torço pra encontrar um rosto, uma paisagem, qualquer coisa que eu possa me lembrar...

— Puxa! Nunca havia pensado nisso! — admirou-se Rafa. — Você pode encontrar a foto de um lugar que já viu e aí...

Antes que o jovem terminasse, aconteceu a cena absurda. Isaura vinha caminhando pela alameda, perdida nos seus pensamentos, quando deu de cara com os dois garotos no banco. Como fazia sempre, cruzou os dedos na testa e afastou-se num salto, provocando o riso em alguém que passava.

— Cruz-credo — disse ela, acelerando o passo.

Os dois ainda a olhavam, quando as luzes se apagaram.

— Foi ele! Foi ele! — ouviram a mulher gritar.

Jonas riu, Rafa considerou:

— Ano passado, racionaram a água. Este ano, deve ser a luz.

O blecaute

A extensão do blecaute superou em muito as dimensões de Riacho da Serra, atingindo cidades vizinhas a São Paulo e praticamente toda a Baixada Santista. A confusão cresceu, porém, a partir das informações desencontradas da própria companhia responsável pelo fornecimento de energia. Primeiro, diziam uma coisa; em seguida, desdiziam. Então, chegou o superintendente regional e proibiu qualquer tipo de informação.

Logo após a saída da escola, Geninho e o pai pararam para conversar em frente ao portão da casa de Ana Paula.

— Aparentemente não há nada errado. A casa de força e os equipamentos estão exatamente como deveriam estar. Não funcionam por que não querem — comentou seu Eugênio ao pai da garota.

— Como é possível uma coisa dessas, seu Eugênio? Algum problema deve ter havido — considerou seu Abelardo, incrédulo.

— Também não compreendo. A verdade é que não foi constatada nenhuma anormalidade na rede.

Junto ao portão da casa, entre Ana Paula e Jonas, Geninho não disfarçava o orgulho pela argumentação do pai, funcionário da Companhia de Eletricidade. Para os garotos, o blecaute estava sendo divertido, apesar das medidas que as famílias precisavam improvisar para enfrentar a falta de energia.

— Quer dizer que é um mistério? — comentou o pai de Ana Paula, admirado pela explicação de seu Eugênio.

— Nunca vi nada igual! É como se tivesse baixado um lençol sobre a casa de força, fazendo tudo parar.

Seu Abelardo balançou a cabeça, não muito convencido:

— Só espero que o restabelecimento da energia não demore muito. Já estamos há mais de doze horas sem luz.

— Isso só Deus sabe — respondeu seu Eugênio.

Após deixar a responsabilidade nas mãos de Deus, o homem montou na bicicleta e, quando Geninho subiu na garupa, começou a pedalar rumo a casa.

— Até mais, seu Abelardo.

— Tchau, Ana Paula... Tchau, Jonas... — despediu-se Geninho.

Na padaria, no lado oposto da praça, Rafa aguardava a saída de uma nova fornada de pães quentes, quando ouviu o homem na ponta do balcão falar:

— Ninguém me tira da cabeça que esse corte de energia tá relacionado com os aparelhos...

— Que aparelhos, homem? De que está falando? — questionou o dono do estabelecimento.

— Disco voador.

O homem dentro do balcão afastou-se com um gesto de descrédito, foi atender o cliente de óculos escuros, que acabara de entrar e tentava se livrar da sacola de alças.

— Um sanduíche de queijo e meia cerveja — pediu o estranho, ajeitando a sacola junto à parede, no canto do balcão.

Enquanto isso o outro prosseguia com o relato, dirigindo-se principalmente à Isaura, que tomava sua cervejinha quase escondida entre uma coluna e o balcão.

— Eu falo porque vi! Não foi uma nem duas!

A mulher bebeu e apoiou:

— Eu não duvido. Já vi cada uma nessa cidade.

Animado, o outro continuou:

— Eu estou cansado de ver disco voador. Não é de hoje.

Enquanto ele fazia uma pausa, o estranho aproximou-se, muito interessado:

— Pois eu daria um bom dinheiro pra ver um desses discos! Estou há mais de uma semana na beira da represa, tentando fotografar um, mas até agora só vi sapo e pernilongo!

— Na represa? — repetiu o homem. — Se quiser ver tem que subir o morro, acompanhando as torres!

— Pelo que entendi, o senhor acredita que o blecaute está relacionado com a aparição dos discos voadores...

— Uma noite, vi um disco sobre a torre de alta tensão lá na beira da serra. Quando ele chegou bem perto, a luz da cidade piscou, como se fosse apagar. E quando se afastou, a luz voltou ao normal. O que o senhor diz disso?

O forasteiro mastigou o sanduíche sem pressa, observando o homem. Serviu um copo de cerveja e, enquanto mastigava, pensava na próxima pergunta.

— Como é que ninguém vê esses discos?

O dono da padaria riu, demonstrando cumplicidade, mas o informante nem titubeou:

— Não vê porque não quer! E só olhar pro céu!

— Também tem gente que vê, mas não gosta de falar... — intrometeu-se Isaura, tentando ser simpática.

— Tá cheio! — concordou o homem. — O Eugênio, que trabalha na Companhia de Luz, e o filho viram no terreiro da casa. O menino disse que o aparelho só faltou cair na cabeça deles de tão baixo que tava, mas o pai nega, diz que não viu nada.

O homem falou e apontou na direção do Rafa.

— Aquele ali é amigo do menino. Aposto que está sabendo do caso...

Diante do olhar indagador do estranho, Rafa contou o que sabia:

— O Geninho disse que viu mesmo. Mas ninguém levou a sério.

O sujeito guardou os óculos no bolso superior. Em seguida, retirou bloco e caneta do bolso interno da jaqueta, passando a anotar alguma coisa que mais parecia rabisco. E perguntou:

— Onde eles moram?

— Na Barroca — revelou o informante. — É um bairro distante. O

preferido pelos aparelhos.

— O senhor acredita nessas coisas? — perguntou o dono da padaria, estranhando tanto interesse.

— Eu tenho que acreditar, sou repórter! — disse o homem de jaqueta, com um muxoxo. — A razão de estar aqui é justamente esta: confirmar ou desmentir o que os jornais andam noticiando.

O repórter mostrava-se satisfeito. Isaura aticava o informante:

— Conta o caso do menino pra ele.

— Que menino?

— Aquele que seu Abelardo pegou...

— Ah, isso é conversa fiada!

O informante falou com desprezo, porém o repórter interessou-se:

— Que menino é esse? Tem alguma relação com os discos voadores? Ele viu alguma coisa?

Como o homem não se animasse com o assunto, a própria Isaura dispôs-se a falar:

— É um menino muito esquisito! Demais da conta!

Feita a introdução, relatou o que sabia sobre Jonas e, principalmente, o que a cidade falava sem saber, pintando as estranhezas com as tintas mais fortes. Rafa ouvia sem querer acreditar, uma vontade danada de intervir. Como ela mostrasse ânimo para continuar, ele não se aguentou:

— Isaura! Como é que você inventa tanta besteira sobre o Jonas?! — E virando-se para o repórter: — O Jonas não tem nada a ver com isso, não! É mentira!

— Menino... Você não sabe que é feio se meter em conversa de gente grande? Por que não vai levar o pão pra sua mãe? — retrucou a mulher.

O repórter acompanhou a discussão e tratou de ser objetivo:

— Garotos louros de cabelos espetados eu conheço um monte, e a cicatriz pode ser resultado de um tombo. Deve ser um retardado ou coisa do tipo.

Depois dessa, Rafa pegou o pão e saiu pisando duro.

— Dizem que ele surgiu no dia seguinte ao aparecimento do disco no terreiro do Eugênio! — garantiu outro homem, que até então só ouvira.

— E tem o principal — avisou a mulher, fazendo suspense. — Tem gente que não acredita, mas eu juro pelo que o senhor quiser como é verdade!

Isaura afirmou e relanceou os olhos pela plateia, onde os homens mal disfarçavam o riso. O jornalista percebeu a atitude dos presentes, mas quis saber de que se tratava.

— Qual é o principal, dona Isaura?

— O menino fica invisível! É isso mesmo: ele desaparece!

O repórter conteve-se com dificuldade, por pouco não se engasgando. E questionou:

— A senhora viu pessoalmente?

— Vi. Vi pessoalmente.

— Mais alguém viu?

— Não sei, mas quero cair durinha, aqui, se não vi o menino desaparecer na subida do morro!

— Eu percebi que a senhora gosta de uma cervejinha... — insinuou o repórter.

— Gosto e não nego! Mas não enxergo mais nem menos por isso!

Os homens, que pouco se preocupavam em disfarçar o ar de gozação, riram com descontração diante de tanta espontaneidade. O jornalista mandou servir duas garrafas por sua conta e saiu para trabalhar. As anotações em forma de rabiscos ocupavam, agora, várias folhas.

Depois de rodar toda a tarde pela periferia, incluindo uma visita e uma breve entrevista com Geninho, o sujeito estacionou o carro da reportagem em frente à casa da praça, onde esperava colher a foto para documentar seu trabalho.

O próprio Jonas atendeu. Ao saber de quem se tratava, o lobo vestiu-se de cordeiro:

— Eu sou da imprensa... do jornal, entende?... Estou tentando descobrir o paradeiro de seus pais... Para isso eu preciso tirar umas fotos suas, fazer umas perguntas...

— Tudo bem. Só não sei se vou conseguir responder. Eu sofro de... de... Esqueci o nome; é uma doença que faz esquecer as coisas.

Atraída pelos ruídos do *flash* fotográfico, dona Olívia saiu à porta e não gostou do que viu.

— Quem é o senhor? Por que está tirando fotografias?

— Estou fazendo o meu trabalho, dona...

Sem outras palavras, o repórter entrou no carro e saiu cantando os pneus.

Os marcianos chegaram

Era o primeiro dia de julho e de férias, uma manhã de inverno. Ana Paula, Jonas e Rafa saíram cedo, para se encontrar com Geninho e, principalmente, com o sol, que teimava em se esconder há dias.

Seu Abelardo saíra praticamente junto com a filha, em direção à loja de ferramentas, como fazia diariamente. Porém, estava de volta poucos minutos depois, com o jornal debaixo do braço e um ar muito preocupado.

— Veja isso, Olívia — disse ele, mostrando o jornal.

As fotos despertaram a imediata atenção da esposa. Um disco voador supostamente fotografado sobre a represa e o extraterrestre de Riacho da Serra, no alpendre da casa.

— Meu Deus! Que absurdo!

— Só pode ser aquele sujeito que você viu fotografando o Jonas. Ele entrevistou o Geninho também.

A reportagem era sobre as constantes aparições de objetos voadores não-identificados, próximo às torres de alta-tensão. Entretanto a mulher estava preocupada com o que falavam de Jonas.

“Isaura Ribeiro, 48, doméstica, acredita que o garoto conhecido por Jonas, recolhido por uma família local, tenha sido abandonado pela tripulação de um disco voador...”

— Abelardo, você viu isso? A Isaura...

— Isso não é nada. Leia o resto.

“O ET de Riacho é um garoto louro de cabelos espetados, que tem uma cicatriz em forma de meia-lua perto da orelha esquerda. Surgiu na cidade no dia seguinte ao aparecimento de um disco voador na Barroca, um bairro da periferia, e aparentemente falava uma linguagem estranha, o que o impedia de se comunicar com as pessoas...”

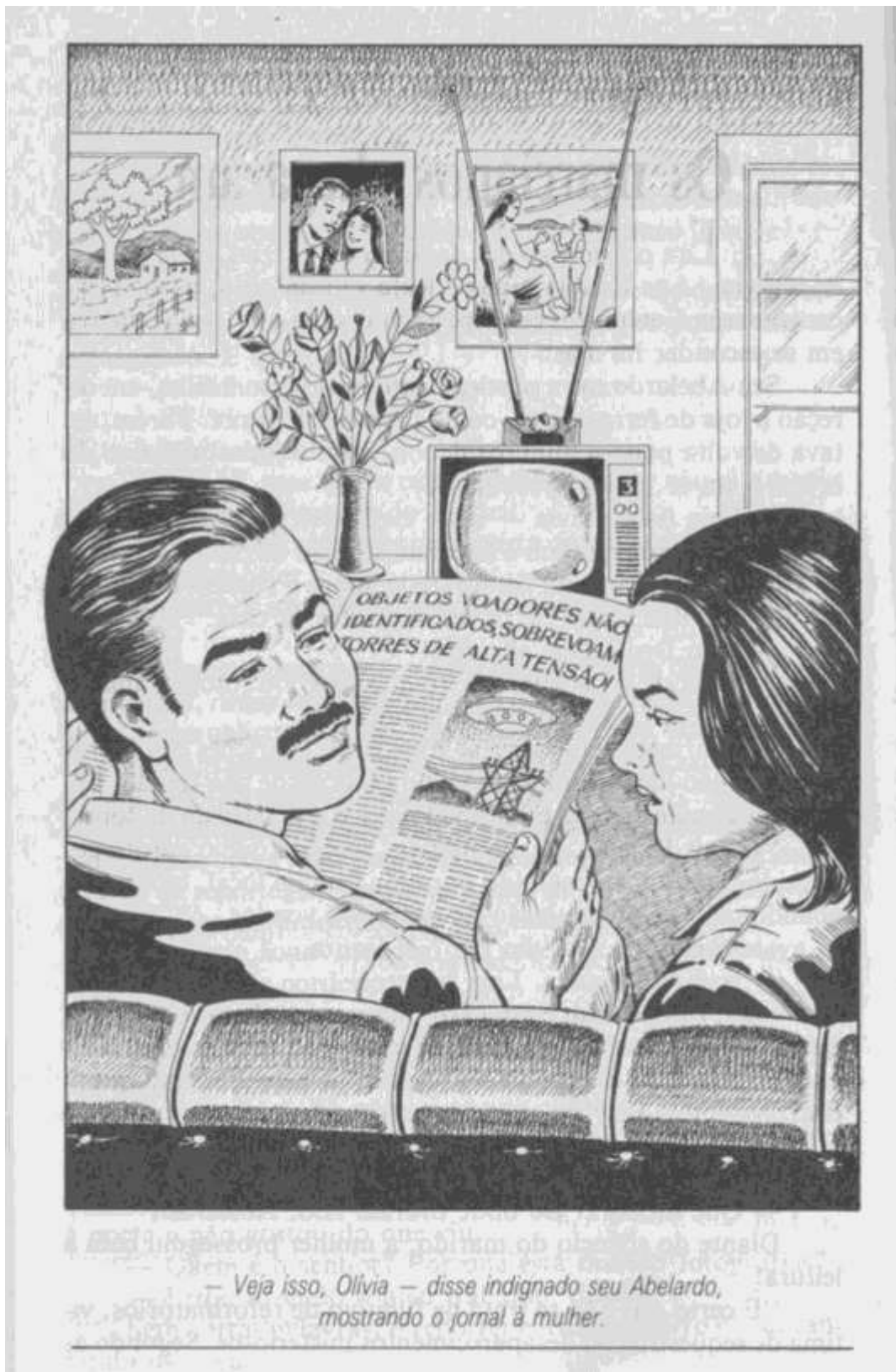
— Que mentira! De onde tiraram isso, Abelardo?

Diante do silêncio do marido, a mulher prosseguiu com a leitura:

“É certo que não se trata de fugitivo de reformatórios, vítima de sequestros ou desaparecimentos misteriosos. Segundo as autoridades locais, não existem registros sobre sua pessoa e não é procurado por ninguém, o que aumenta o mistério que o cerca, e confirma, de certa forma, a versão corrente sobre a sua origem extraterrena”.

Dona Olívia afastou o jornal, com um gesto de impaciência. Seu marido, porém, fez questão de ler em voz alta o final do artigo:

“Mais contundente é o testemunho final de Isaura Ribeiro, segundo o qual o garoto em questão tem o poder de se tornar invisível. Conta ela que, uma noite, encontrou Jonas na estrada e resolveu segui-lo, porque ninguém sabia onde ele dormia. ‘Ele ultrapassou o cemitério municipal e, quando chegou ao ponto mais elevado da ladeira, parou. Então, olhou de um lado, de outro, e desapareceu num estalo’.



— Seu Abelardo fechou o jornal e a mulher reclamou:

— Eu não compreendo essa implicância com o Jonas. Por que não o deixam em paz?

— Preconceito! As pessoas não admitem que um garoto tirado das ruas conviva com seus filhos, frequente a mesma escola...

— Poxa! Mas transformá-lo num extraterrestre... É demais!

— Quanto mais diferente ele parecer, mais difícil de ser integrado. Eu imagino que seja esse o raciocínio. E, naturalmente, o jornalista explorou o assunto pra vender mais jornal.

Dona Olívia sacudiu a cabeça, transtornada:

— O jornalista é um irresponsável, não há dúvida... Mas eu fico abismada com a coragem da Isaura!

— Esse é o nosso trunfo pra desmascarar tudo! Em sã consciência, ninguém daria crédito a Isaura.

O homem acabou de falar, a porta se abriu, dando passagem à filha e aos garotos. A mulher dobrou o jornal disfarçadamente, ocultando-o no colo. Ana Paula pôs fim à encenação:

— Não precisa esconder o jornal. Todos nós já lemos, inclusive o Jonas.

Dona Olívia levantou-se e correu a abraçar o garoto:

— Não dê importância, Jonas. É um jornal sensacionalista, sem escrúpulos, viu?

— O jornal está exposto em várias bancas, com a página à mostra! — informou Rafa.

— Minha vontade era rasgar tudo! Fazer essa porcaria em pedacinhos!

— Não se preocupe, Ana Paula. Eu vou telefonar para o jornal e desmentir tudo! — prometeu o pai.

Jonas não se mostrava nada preocupado com a reportagem:

— Amanhã ninguém mais se lembrará dessa notícia.

— Claro! — concordou seu Abelardo. — Os leitores vão perceber que tudo não passou de uma manobra pra vender jornal!

— Tomara! — falou a mulher.

Geninho fora o último a entrar e se mantivera na retaguarda. Quando a discussão acalmou, ele se adiantou alguns passos, de cabeça baixa:

— Dona Olívia... Eu só falei com o homem porque não sabia que ia sair no jornal... E só falei do disco que apareceu lá em casa, nem toquei no nome do Jonas...

Jonas abraçou-o, carinhosamente:

— Não precisa explicar nada, Geninho. Você disse a verdade.

Rafa estava revoltado:

— O pior é que eu vi o repórter lá na padaria, conversando com a Isaura e outro homem. Fiquei danado com ela, mas agi errado... Devia ter avisado o senhor.

— Eu tenho a impressão de que ao descobrirem quem é a Isaura e quantas ela toma, esse reporterzinho vai ser até despedido! — retrucou seu Abelardo, de mau humor.

Muito tranquilo, Jonas procurava amenizar os efeitos devastadores do jornal:

— Estou achando tudo isso muito engraçado. Minha única preocupação é que a notícia traga novos aborrecimentos para a família.

— Ora, Jonas — reagiu a mulher. — O pior está feito com a publicação dessa bobagem! O que mais poderiam...

Não terminou de falar, tocaram a campainha.

— Deixem que eu atendo — prontificou-se a garota.

Ao abrir a porta, um estranho vasculhou o interior da casa com o olhar curioso, e interrogou:

— É aqui que mora um garoto... O Jonas?...

Ana Paula percebeu, então, o carro de um conhecido jornal estacionado diante da casa, enquanto algumas pessoas reuniam-se na calçada, no lado oposto da rua. Adivinhando a intenção do visitante, não teve dúvidas:

— Não! Quem mora aqui é a vovozinha!

E bateu-lhe a porta na cara, com raiva.

A casa sitiada

Jonas, a família e os amigos sequer imaginavam que a expulsão do repórter constituiria apenas o início da confusão infernal que se instalaria durante a semana. Ao cabo de poucos dias, a casa encontrava-se literalmente sitiada pelos carros de grandes jornais, revistas e até emissoras de televisão. Não faltaram sequer ofertas em dinheiro; grandes somas em troca de uma entrevista exclusiva com o ET.

— ET é a vó! — gritava Rafa, com a cabeça de fora, na janela do corredor.

Ana Paula ficava furiosa, Jonas ria.

De início travou-se uma verdadeira guerra. Repórteres afoitos, que invadiram o jardim da casa, em busca de entradas e de janelas laterais, foram recebidos com baldes de água fria e projéteis de variadas naturezas, disparados pelos jovens.

Depois, como começasse a se esgotar também a paciência dos forasteiros, registraram-se ameaças de violência, provocações e pedradas. A solução foi acatar o conselho do delegado e colocar a casa sob proteção policial. Mas nem a presença de dois soldados na entrada fez com que o batalhão de repórteres desistisse de fotografar e falar com Jonas.

— Seu Abelardo... Eu poderia conversar com eles, não teria problema nenhum. Quem sabe eles não iriam embora? — tentou Jonas.

— De jeito nenhum! — contrariou a mulher. — Você não tem que explicar nada a esses urubus!

— A Olívia tem razão, Jonas. E eu tenho sérias dúvidas de que isso resolveria a questão.

— Então, vamos voltar ao *video game* — convidou Geninho.

— Não tem graça; o Jonas não perde uma! — contrapôs Rafa.

— Eu não consigo nem me concentrar no jogo! — falou Ana Paula. — A única coisa que gostaria de jogar é um monte de pedras!

Do quarto de Jonas, podiam ouvir as perguntas dos repórteres aos soldados:

— É verdade que o extraterrestre desintegrou um cão com uma espécie de raio laser?

— Informaram na cidade que ele incendiou o almoxarifado da escola, usando a força do olhar. O senhor confirma a versão? Quer acrescentar alguma coisa?

Jonas, que de início aceitara tudo em tom de brincadeira, mudara no correr da semana. Sentia-se culpado pelos constantes constrangimentos que a família sofria. A tristeza crescera, nos últimos dias, deixando-o bastante abatido.

— Não fique assim, Jonas. Você não tem culpa de nada — consolava Ana Paula.

— Se eu fosse embora, eles deixariam vocês em paz.

— Ir pra onde? Você não sabe nem de onde veio! — contrariou Rafa.

— Nem pense nisso! — decidiu a garota. — Com os guardas aí na

porta, eles acabarão desistindo.

Dona Olívia queria acreditar, mas não conseguia:

— Você acha que eles desistirão, Abelardo?

— Eles não podem ficar aí pelo resto da vida!

— O Jonas está chateado. Ele se sente responsável.

— Responsável ele é, embora involuntário.

— Que isso, Abelardo? Se há um responsável é a Isaura! E aquele repórter de notícias policiais!

Há dias o marido não escondia o nervosismo:

— Eu sei que no fundo o Jonas não tem culpa. Mas se eu pudesse adivinhar os problemas que traria...

— Não estou entendendo. Nosso problema são os repórteres... Esses urubus que estão aí fora... — falou a mulher.

— Não sei, não sei... Até a chegada de Jonas, nós sempre nos demos bem com todos. Depois que ele entrou nesta casa, tudo começou a dar errado. Primeiro, foi o desaparecimento daquele cachorro; em seguida, a escola; depois, o incêndio; agora, isso.

— Tudo armado naquela casa! — desabafou a esposa, apontando na direção onde ficava a casa de Maurício. — Já pensei até se não foi a própria Antonieta que pagou a Isaura pra dizer aquelas besteiras.

O marido segurou a cabeça entre as mãos e apoiou os cotovelos sobre os joelhos. Então, encarou a mulher:

— Olívia... Você sabe que eu não vendo um único prego há mais de semana?

— Ora, é a crise! Ninguém compra ferramenta todo dia!

— Desde que abri a loja, nunca passei um dia sem vender algo. De repente...

A mulher passou a mão na cabeça do marido e confortou:

— Nós estamos fazendo o que é certo, Abelardo.

No mesmo instante soou a campainha e os jovens correram para a sala, cercando o sofá onde estavam os pais de Ana Paula.

— Será que alguém furou o cerco? — perguntou a garota.

O pai observou pelo visor da porta e acalmou:

— Voltem para o quarto. É um dos soldados.

Assim que abriu a porta, porém, percebeu os estranhos.

— Seu Abelardo, esses homens insistiram muito pra falar com o senhor. Dizem que são médicos...

— Eu sou psiquiatra e meu companheiro é clínico geral. Só queríamos um minuto de sua atenção — falou o mais velho.

A dona da casa mostrou o sofá aos visitantes e ficou de pé ao lado do marido. O psiquiatra acomodou-se e iniciou:

— Eu sinto chegar num momento de tanto transtorno para a família, mas, quem sabe, não será bom para todos?

Sem qualquer reação do casal, prosseguiu:

— Além da minha especialidade, me dedico também à ANPIEX, uma associação que pesquisa possibilidades de vida extraterrestre...

A mulher olhou significativamente para o marido. O visitante apressou-se a dizer:

— Se disserem que temos de sair, sairemos sem problemas. No entanto, creio que seria importante ouvir o que temos a propor.

O casal hesitou, o psiquiatra avançou:

— Eu acredito em discos voadores e já tive alguns contatos interessantes. É verdade que me agradaria muito o contato com um ser...

Quando a dona da casa se mexeu, ele concluiu, rápido:

— Entretanto, estou interessado, acima de tudo, na verdade.

— Já sei! — explodiu a mulher. — Os senhores querem constatar se o Jonas tem escamas, antenas, chifres... Não é isso?

— Não, minha senhora! — falou o clínico, que se mantivera calado. — Nós gostaríamos de submetê-lo a um exame.

— Exame médico? Abelardo, o que você está esperando para chamar os guardas?

O marido apenas mexeu-se, o psiquiatra o cercou:

— Só mais uma coisinha, seu Abelardo, e nós saímos.

— Fale.

— Vamos supor que o doutor Magrini constate alguma anormalidade, algo que confirme essa história maluca. Seria do interesse da família saber.

— Coisa mais ridícula — resmungou a mulher.

— Se for um garoto como outro qualquer, terá acabado o mistério. O senhor e sua esposa terão o melhor dos argumentos para dispersar essa gente aí fora.

O homem balançou o corpo e dirigiu-se à esposa:

— Olívia, ele tem razão. Se o doutor disser que o Jonas é um garoto normal, acabará o mistério e o repórteres irão embora. O que você acha?

Diante do silêncio dela, chamaram Jonas, que se prontificou para o necessário. Os outros garotos vieram para a sala e observaram de perto os exames iniciais. A certa altura, o médico pediu:

— Precisaria examiná-lo a sós. Posso usar um quarto? É que ele precisa ficar nu para os próximos exames.

— Está bem — concordou ela. — Mas o Abelardo vai junto.

O exame a portas fechadas prolongou-se além da expectativa. Os garotos começavam a inquietar-se e Ana Paula dispunha-se a bater na porta, quando eles surgiram com os semblantes leves. O pai parecia ter retirado um peso enorme das costas.

— Tudo bem — falou à esposa. — O doutor vai dar uma entrevista coletiva à imprensa.

E conforme o prometido, o doutor Magrini divulgou:

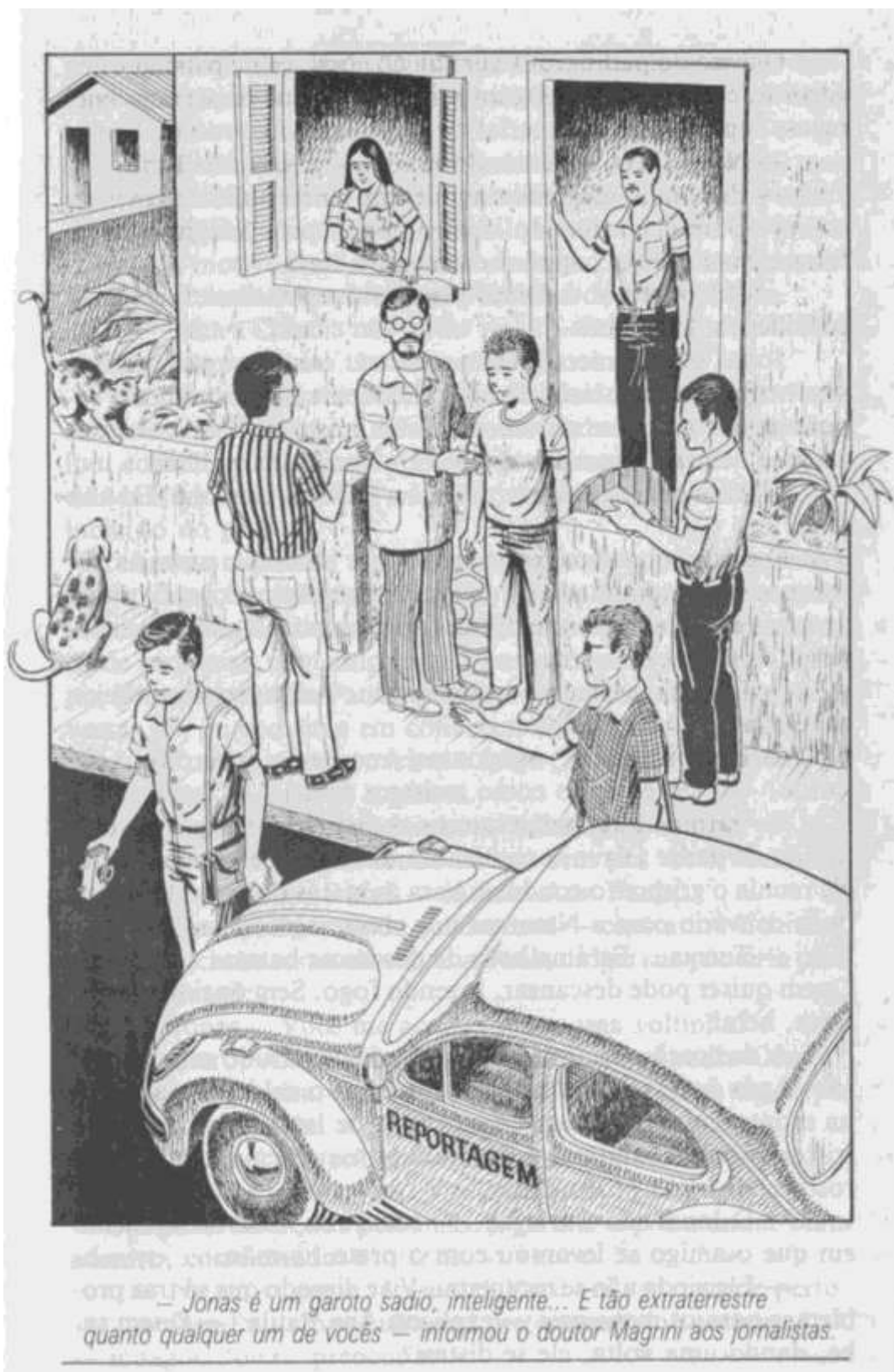
— Segundo opinião do doutor Rolf, aqui presente, Jonas sofre de um

processo de amnésia, provocado por algum choque grave. Afora isso, é um garoto com inteligência acima da média, fisiologicamente sadio... Aparentemente é tão extraterrestre quanto eu ou qualquer um de vocês.

Após o murmúrio geral, marcado principalmente pela frustração, jornalistas e repórteres subiram nos seus veículos e foram embora.

Aventura na mata

Crianças, chegamos! Foi naquela plataforma que acampamos o ano passado!



O aviso do padre trouxe um alívio geral, principalmente aos garotos, encarregados de transportar para cima da serra as barracas, suprimentos e material de acampamento.

— Não estava aguentando mais! — desabafou Rafa.

— Eu ainda aguentava andar uns cinco quilômetros...

— Ô, moleque metido! O Geninho tá que não aguenta nem falar e quer contar papo! — comentou Rafa.

— Pelo visto, é o Jonas quem está em melhor forma! — considerou Ana Paula.

Jonas olhou-a ternamente e deixou cair a carga no chão, sem nenhum comentário. Desde o incidente provocado pela reportagem, tornara-se sério e vivia num misto de apatia e tristeza, que nem as brincadeiras do Rafa conseguiam diluir.

— Veja que lugar lindo, Jonas! — cobrou Geninho. Eu não falei?!

O garoto observou as árvores que se juntavam umas às outras por um emaranhado de cipós. Apesar do inverno, o céu só aparecia através de poucas frestas abertas entre a galharia recoberta de folhagens verdes.

— É um lugar lindo! — concordou. — O ar tem um cheiro delicioso!

— E as orquídeas? — apontou Ana Paula, para o tufo colorido. — Não entendo como resistem ao frio!

Os garotos interromperam os comentários ante a aproximação de padre Olavo, organizador da excursão. Anualmente, ele reunia o grupo e o conduzia para as matas da serra, ensinando o convívio com a Natureza e a preservação dela.

— Turma... Está na hora de descascar batatas e legumes. Quem quiser pode descansar, fazendo fogo. Sem queimar a floresta, hein!

A dedicação de Jonas era notável; fazia tudo sem discussão. Após juntar as pedras para sustentar o caldeirão, ajudara na montagem das barracas e na coleta de lenha. Entretanto, a tristeza não o abandonava um minuto sequer, marcando-lhe o rosto com rugas profundas.

— O Jonas não está legal... — comentou Rafa, no momento em que o amigo se levantou com o prato na mão.

— Ele ainda não se recuperou. Vive dizendo que só traz problemas para os meus pais — explicou Ana Paula. — Quem sabe, dando uma volta, ele se distrai?

— Não sei se o padre Olavo vai consentir... Esta serra é muito perigosa, já aconteceram vários acidentes por aqui... — lembrou Geninho.

Jonas sentou-se num tronco, ao lado de Ana Paula, mas só prestava atenção ao próprio pensamento. Apesar dos esforços da família para encobrir, sabia que sua inclusão no grupo tinha sido motivo de discussões acaloradas com alguns pais, somente se tornando possível pela firmeza de padre Olavo.

— Pena a Cláudia não poder vir... — lembrou Rafa. — Será que as compras eram tão importantes assim?

A interrogação desfez-se ante o silêncio dos amigos. Rafa entendeu imediatamente e ficou encabulado. Jonas não se abalou, continuou mastigando. Sabia que as ausências de Cláudia, de Maurício e de Rubão, entre outros, ligavam-se à decisão de incluí-lo no grupo.

Após o delicioso almoço, composto de sopa fumegante e pão italiano, os jovens baldearam água e lavaram pratos e talheres. Padre Olavo

despejou, então, o conteúdo do famoso saco de surpresas, contendo jogos e passatempos variados. O grupo, liderado por Ana Paula, entretanto, preferiu afastar-se e conversar. E, de conversa em conversa, chegaram à sugestão:

— Poderíamos aproveitar a folga pra ir até a cachoeira. O que acham?
— propôs a garota.

— O padre não vai deixar — adiantou Geninho.

— Além disso não tenho ânimo nem pra me levantar.

— É pertinho, Rafa! — insistiu Ana Paula.

— É nada! Dá mais de quilômetro! — contrariou Geninho.

Caprichosa como ela só, Ana Paula dirigiu sua pontaria para o ponto frágil:

— Jonas... Você me acompanha numa voltinha?

— Claro, Ana Paula. Vamos falar com o padre Olavo.

— Não precisa, é um minutinho só! — retrucou ela de pé, pronta para a saída.

— Não saia da trilha! — avisou Rafa. — É perigoso!

— Não se preocupem. Vamos, Jonas.

E puxando Jonas pela mão, a garota se pôs a andar mata adentro, comentando:

— Nunca vi gente tão mole! Você vai ver como é perto.

— Ana Paula, você não está pretendendo ir à cachoeira?... — indagou Jonas, preocupado.

— Claro que estou! Você vai ver que beleza!

— Você... Você conhece bem o caminho?

— Deixe comigo.

Caminhavam a quase uma hora e Jonas mostrava-se maravilhado com a beleza do lugar, da vegetação, dos pássaros. De repente, se deu conta:

— Ana Paula... Nós já andamos quilômetros...

— Já? Então devemos estar perto.

Falou e apressou o passo. Depois de uma curva na trilha, ela pulou de alegria:

— Estamos chegando! Depois daquela subida é só entrar à direita e estaremos diante da cachoeira!

Subiu a ladeira em passo acelerado e, quando Jonas chegou ao topo, ela já investia mato adentro.

— É perto daquele bambuzal! Venha!

— Espere, Ana Paula. Vá mais devagar.

— Venha, Jonas. Por aqui.

Jonas avançou em direção à touceira de bambu e parou. Tinha perdido a amiga de vista.

— Ana Paula, não brinque comigo! Ana Paula!

No acampamento, Rafa e Geninho aguardavam aflitos pela volta dos companheiros, enquanto o tempo passava. Logo o padre notaria a falta deles. Então, resolveram sair e procurá-los.

No final da tarde, após caminharem quase uma hora, os dois decidiram voltar ao acampamento e revelar ao padre o sucedido.

— Padre Olavo... A Ana Paula e o Jonas saíram logo após o almoço e ainda não voltaram... — comunicou Rafa, sem jeito.

E Geninho completou:

— Já demos uma volta à procura deles e não vimos nem sinal! Estamos preocupados!

Segurança para nossos filhos

De pouco valeram os testemunhos de Rafa e de Geninho dando conta de que fora Ana Paula quem teimara em abandonar o acampamento, incentivando Jonas a segui-la. A maioria das pessoas preferiu acreditar que ela havia sido vítima.

Embora fosse cedo, o grupo de mulheres comandado pela mãe de Maurício já havia provocado confusão em frente à delegacia, após o que se instalara em frente à casa da garota, agitando cartazes e gritando palavras de protesto:

SEGURANÇA PARA NOSSOS FILHOS!

PAZ PARA RIACHO DA SERRA!

Seu Abelardo saiu de casa, leu o cartaz e sacudiu a cabeça, constrangido.

— Meu Deus! O que eles estão imaginando?

Na direção do jipe, o pai de Geninho foi taxativo:

— É melhor se apressar, seu Abelardo. O tempo está quente e os ânimos, muito exaltados.

— Eu não entendo. A Ana Paula e o Jonas devem ter se perdido... Ninguém disse isso a elas?

— Muita gente prefere acreditar que o menino não é bom do juízo. O senhor sabe como é a cabeça dessa gente...

No jipe iam dois soldados para auxiliar nas buscas. Ao partirem, cresceu o coro de gritos histéricos, regido pela mãe de Maurício. E, em meia hora, o grupo de homens estava na boca do mato, onde o padre Olavo aguardava com o resto dos jovens.

— Sinto muito, seu Abelardo... Espero que Ana Paula e Jonas tenham apenas se perdido. Como alguns garotos entraram em pânico, não pude prosseguir na busca.

— Obrigado, padre Olavo. Se Deus quiser, não será nada.

— Vão com Deus.

Faltando pouco para a primeira hora de caminhada, os homens chegaram ao local do acampamento.

— Foi aqui que nós acampamos — revelou Geninho, o único garoto a acompanhar o grupo de busca.

— Do lado esquerdo é difícil ocorrer algum acidente, porque o terreno é muito inclinado, com muito mato — considerou seu Eugênio.

— O senhor tem razão — concordou um dos soldados. — E a cachoeira fica do lado direito.

— Aí é que está o perigo! — tornou o pai de Geninho. — Com o desmatamento e as chuvas, a serra vai ruindo sem que a gente perceba.

Apontou para um liame de folhas e cipós, e explicou:

— Aquilo ali dá a impressão de terreno firme, por causa dos cipós e raízes, mas é tudo oco por baixo. A serra está cheia dessas armadilhas.

— E se não foi acidente? — perguntou o segundo soldado.

Os outros homens encararam-no sem dizer nada. Durante a caminhada fizeram algumas paradas, procurando por sinais ou rastros. Seu Eugênio avançava à frente com o facão, os outros experimentavam as touceiras com varas de bambus. Após uma espécie de cotovelo no trilho, seu Eugênio parou com uma expressão estranha no rosto.

— Que foi? — interrogou o pai de Ana Paula, aflito.

— O caminho da cachoeira é por entre aquelas árvores, mas tenho a impressão de que ninguém passou por aqui.

E imediatamente seu Eugênio começou a bater com o facão sobre o cipoal. Abriu caminho a custo e, ao atingir a esplanada de onde se avistava a cachoeira, confirmou a impressão:

— É, aqui eles não estiveram...

— Eles devem ter perdido o caminho — comentou seu Eugênio. — O mato estava tão fechado que eu também não reconheci a entrada.

— Então vamos em frente! Não podemos perder tempo! — comandou seu Abelardo, preocupado com o destino da filha.

Nos pontos mais perigosos, os homens experimentavam as bordas do barranco com varas e observavam o fundo do abismo, rezando para não encontrar o que procuravam.

— Credo! Dá até tontura! — recuou um dos soldados, impressionado. — Esse padre não regula bem do juízo. Onde já se viu trazer criança pra um lugar desses?!

— Ele não deixa ninguém sair da trilha! — defendeu Geninho. — A Ana Paula saiu do acampamento sem avisar!

— Depois dessa ladeira, o caminho é menos batido. Não custa nada se perder — avisou o guia.

— Nós vamos encontrá-los, seu Eugênio! Eu sei que eles estão vivos! — falou o pai de Ana Paula, agoniado.

Vencida a ladeira, não caminharam mais de dez minutos. Geninho foi o primeiro a perceber.

— Olhem lá! É uma roupa!

O grupo apertou o passo, até chegar ao sinal. A camiseta branca de Jonas estava enfiada numa cruz de gravetos, apontando para a direita, onde o mato se adensava.

— Graças a Deus! Eles devem estar por aqui!

— Ana Paula! Jonas! — gritou Geninho.

Seu Abelardo já investia contra o mato, seu Eugênio barrou-lhe a passagem, esticando o braço à sua frente.

— Cuidado, seu Abelardo... Esse trecho é perigoso.

Então, colocou-se à frente, abrindo caminho com o facão, enquanto na retaguarda os demais chamavam:

— Ana Paula! Jonas!

Poucos metros à frente, o pai de Geninho parou, como se não acreditasse no que via. Sem camisa, encolhido junto a um tronco, Jonas tremia. Seu Abelardo precipitou-se sobre o garoto:

— Jonas, você está bem? Cadê a Ana Paula?

O garoto chorou e apontou para o vazio à sua frente:

— Ela caiu... Ela caiu...

Seu Eugênio virou-se para os dois soldados e ordenou:

— Segurem o pai da garota! Não deixem fazer nenhuma besteira!

— Ela está presa na pedra — gemeu Jonas.

— A Ana Paula está viva? — quis saber Geninho.

— Acho que está... Eu ia lá pegar, mas fiquei tonto... fiquei confuso... Não sabia se ia aguentar o peso.

— Depressa! Vamos tirá-la! — esperneava o pai, preso.

Aproximando-se da borda, seu Eugênio entendeu:

— Ela ficou presa numa saliência do terreno.

— Ana Paula! Ana Paula! — gritava o pai, lutando para escapar dos soldados. — Eu quero ver minha filha!

— Você falou com ela, durante a noite? — perguntou seu Eugênio a Jonas.

— Conversei a noite toda — confirmou o garoto. — Eu tinha medo que ela dormisse e rolasse...

— Talvez ainda esteja viva. Não se preocupe, seu Abelardo, já vamos tirá-la.

Seu Eugênio abriu a bolsa de couro, onde levava as ferramentas da Companhia, e tirou um rolo de corda.

— O senhor vai descer, seu Eugênio? — interrogou um dos soldados.

— Eu desço! Eu quero a minha filha! — pedia o pai.

— Eu tenho mais prática, seu Abelardo... Fique descansado que trarei a Ana Paula.

— A corda vai dar, pai? — perguntou Geninho, desconfiado.

— Dá. Ana Paula não está a mais de cinco metros.

Enquanto falava, amarrou uma ponta da corda no tronco e a outra à cintura.

— Vou precisar que vocês me puxem.

— Pode deixar, seu Eugênio — garantiu um soldado.

— Cuidado, pai.

O homem desceu sem dificuldade até o parapeito e, suspenso sobre o abismo, gritou para cima:

— Seu Abelardo! A menina está viva!

— Graças a Deus! Sobe, seu Eugênio, sobe!

O pai da menina falava, chorando de alegria. Equilibrando-se no estreito abrigo, seu Eugênio preveniu:

— Ela está com a perna quebrada, teremos de subir juntos. Quando der sinal, puxem devagar, que eu vou escorando na parede.

— Pode deixar, seu Eugênio.

Em poucos minutos estavam no topo da plataforma.

— Minha filha! Minha filha querida!

A menina gemia; abriu os olhos com dificuldade.

— Papai... Jonas... Que bom ver vocês... Eu... Eu pensei que ia morrer.

O segredo da igreja

A. alegria havia, finalmente, voltado à casa. Envergonhadas, muitas senhoras vinham visitar Ana Paula, na companhia dos filhos, e aproveitavam para elogiar a fidelidade de Jonas.

— Felizmente o prejuízo não foi além de uma perna quebrada. Podia ter sido pior. E a atitude de Jonas não nos surpreendeu; sempre confiamos nele.

— Eu fico contente, Olívia — falou a mãe do Rafa. — O Rafinha disse que ela salvou-se por milagre.

— Foi milagre mesmo! — apoiou Geninho. — Ninguém entende até agora como ela ficou presa naquela saliência!

— Por falar em milagre, estamos devendo uma visita ao padre Olavo! — lembrou Rafa.



Seu Eugênio, que carregava Ana Paula, gritou para cima:
— Quando eu der o sinal, puxem devagar!

— Por que vocês não vão agora? — sugeriu dona Olívia. — A estas horas ele está livre.

Enquanto a garota pensava no assunto, sua mãe insistiu:

— Leve a Ana Paula, Jonas... Você gosta tanto da igreja.

— Eu não sabia que gostava tanto de igreja... — estranhou o jovem.

— Ora, Jonas... Antes de vir pra casa, o padre disse que você assistia a missa, a novena...

— Não me lembro, mas eu vou, sim. Gosto de conversar com o padre Olavo!

Ana Paula pegou a muleta e o grupo saiu em direção à igreja.

— Só espero que o padre Olavo não me passe outro sermão...

— Você não conhece o padre, Ana Paula? Foi um sermão de brincadeira!

— É nada, Geninho. Ele ficou bravo mesmo.

— Com razão! — falou Rafa.

Durante o caminho, Jonas apenas ouviu os amigos. E, ao entrar na igreja, pôs-se a olhar fixamente para um canto.

— O que foi, Jonas? Está se lembrando daquela noite? — indagou Rafa. — Esqueça. Agora está tudo bem.

— Eu me lembrei do tênis... O tênis que perdi naquela noite... — respondeu Jonas. — Ele está lá em cima.

— Não está! — contrariou Geninho. — Eu me lembro que quando o povo cercou, você já estava descalço.

Sem dizer nada, Jonas foi até a escada de madeira que levava ao coro e começou a subir. Os companheiros fizeram menção de acompanhá-lo. Ana Paula estrilou:

— Ei, como vou subir com a perna engessada?

— Você espere aí, que a gente já volta! — falou Rafa, seguindo em frente. — Agora eu fiquei curioso.

No andar superior, passaram pelo órgão inativo e acompanharam Jonas, que procurava algo atrás de um enorme armário preto. Num gavetão, contendo antigas roupas sacras, Jonas enfiou a mão e retirou os tênis.

— É o tênis perdido! — surpreendeu-se Geninho.

— Como é que esse tênis veio parar aqui? — indagou Rafa de boca aberta.

— Eu vinha sempre aqui à noite — falou Jonas.

— Que isso? À noite a igreja está fechada! — lembrou Rafa.

— Eu vinha na hora da novena e subia quando ninguém estava olhando.

— Subia pra quê? — interrogou Geninho.

— Depois que o padre fechava a igreja e apagava as luzes, eu dormia aqui — falou, apontando para o gavetão.

Difícil dizer quem estava mais espantado.

— Então era aqui que você passava as noites? — bobeou Rafa, observando a gaveta cheia de roupas. — Puxa! Acabou o mistério!

— Por que você nunca falou disso antes?

— Eu não lembrava, Geninho. Quando a dona Olívia falou da igreja, comecei a pensar e me lembrei do tênis.

— Malandro! brincou Rafa. — O padre pensando que você assistia novena, e você estava era a fim de dormir! ·

Os três riam, quando ouviram Ana Paula chamar:

— Ei, por que estão demorando tanto? O padre Olavo está aqui!

— Já vamos descer! — avisou Rafa.

Desceram e contaram a descoberta. Ana Paula só acreditou depois de ver os tênis perdidos há quase um mês. O padre divertiu-se muito com a história e considerou:

— Você deve ter dormido muito bem, Jonas! Afinal, estava na casa de Deus!

— O bordado das roupas incomodavam um pouco — respondeu o garoto, com simplicidade.

Todos riram muito com a consideração e foram para casa saltando de contentamento. Além da descoberta em si, havia a esperança de que aquela lembrança repentina fosse o ponto de partida para recuperar o passado esquecido. Ao entrarem na casa, porém, viram os pais muito abatidos. E a presença do delegado aguçou a curiosidade.

— Não me digam que aconteceu alguma coisa ruim... Por favor... — pediu Ana Paula, abraçando-se à mãe.

— É o Jonas... — disse o pai. — A família dele vem buscá-lo.

— Eu sinto muito — disse o delegado, de saída.

Ana Paula olhava para Jonas, que se mantinha parado, soluçando. Os amigos não sabiam o que dizer, que atitude tomar.

— Como podem saber que é o Jonas quem procuram?

— Eles conversaram com o doutor Argemiro pelo telefone. A mãe viu a foto no jornal, não há dúvidas quanto à identidade, minha filha — explicou seu Abelardo.

— Talvez haja um engano. Existem tantos garotos loiros de cabelos espetados — insistiu a filha.

Jonas aproximou-se dela e falou com a voz emocionada:

— São eles, Ana Paula. Eles prometeram voltar para me buscar.

— Prometeram? — admirou-se dona Olívia. — Por que você nunca nos disse nada?

— Eu não sabia... Só agora me lembrei.

A despedida

Seu Abelardo não teve ânimo para voltar ao trabalho, dona Olívia passou a tarde aprontando a mala. Segundo o delegado, os pais de Jonas viriam à noite. Geninho ficou para o jantar e as despedidas. Rafa retornou após o banho, junto com Maurício e Rubão.

— Eu disse a eles que o Jonas estava de partida. Achei que deviam se reconciliar... — explicou Rafa.

— Nós viemos pedir desculpas — falou Rubão.

— Nem sempre fomos legais com você, Jonas... — emendou Maurício.
— Espero que nos perdoe.

— Eu fico contente que vocês tenham vindo. Sentem-se aí — respondeu Jonas, mostrando-lhes o sofá.

Novamente estavam todos reunidos. Entretanto, por mais que tentassem mostrar descontração, não conseguiam. Havia uma sensação de perda em cada pessoa. Seu Abelardo distribuiu bombons e tentou reanimar o grupo:

— Que cara jururu é essa, gente? Jonas reencontrou sua família! Devemos ficar alegres por ele!

— O senhor tem razão — concordou Rafa. — Nós vamos ficar sem o Jonas, mas devemos pensar na alegria da família dele.

Ana Paula não se entusiasmava:

— Vai ser difícil viver sem o Jonas. A casa vai ficar muito vazia.

— Não diga isso, minha filha — interveio a mãe. — Pense no que a família dele deve ter sofrido esse tempo todo.

Em vez de opinar, Geninho preferiu consultar o amigo:

— E você, Jonas? Está feliz?

— Eu vou sentir muita saudade. Nunca me esquecerei de vocês.

Comovida, Ana Paula entregou-lhe o diário:

— Antes de você ir, quero que escreva uma mensagem bem bonita. O Rafa, o Geninho, todos já escreveram.

— Depois eu vou para o quarto e escrevo. Preciso me concentrar. Você sabe que eu escrevo mal.

Quando o silêncio ameaçou tomar conta do grupo, Rafa levantou-se e falou:

— Vocês querem saber de uma coisa? Triste seria se o Jonas fosse mesmo um extraterrestre e estivesse de partida pra alguma galáxia desconhecida!

— Começou o festival do besteiro!

Apesar da recriminação de Ana Paula, a gargalhada foi geral. E Jonas foi quem mais riu da alusão.

— Até que enfim, alguém consegue fazer a gente rir um pouco — aprovou o pai da garota.

— Abelardo, você não acha que eles estão demorando?

— Puxa, mãe, a senhora está com pressa que o Jonas vá embora? — censurou Ana Paula.

Às dez, bateram na porta, mas a tensão se desmanchou ao perceberem o delegado sozinho.

— Não apareceu ninguém, seu Abelardo?

— Até agora não.

— Na delegacia também não. Provavelmente houve algum contratempo. Só não entendo por que não telefonaram novamente.

— Seria o correto! — apoiou dona Olívia.

— De qualquer forma, fica pra amanhã! Antes de liberar o garoto, a família terá de preencher umas formalidades e eu não estou disposto a ficar mais nem um minuto na delegacia!

Após a notícia, mudou o clima na casa.

— Oba! O Jonas vai dormir mais uma noite com a gente! — alegrou-se a garota.

— É isso aí. A despedida fica pra amanhã — endossou Rafa.

— Será que não foi trote? — perguntou Ana Paula, com os olhos brilhando. — Talvez alguém da cidade tenha ligado pra passar um trote na gente...

— Minha filha, é melhor não alimentar ilusões — preveniu o pai. — É mais provável que tenha surgido algum imprevisto, provocando o atraso.

— De qualquer maneira, hoje ele dorme aqui! O delegado falou! — consolou-se Ana Paula.

Pouco depois os garotos se retiraram para suas casas, prometendo voltar no dia seguinte para a despedida. E não demorou muito para a família também ir para a cama.

— Está frio e precisamos acordar cedo!

— Boa noite, Jonas. Durma bem.

— Você também, Ana Paula.

Pouco depois, todos dormiam, menos Jonas. De olhos arregalados, agitado, sentou-se na cama e pegou o diário que Ana Paula havia lhe passado pouco antes. Embora com a luz apagada, ele parecia ler os pensamentos e poesias escritos pelos amigos. Em seguida, pegou uma caneta na gaveta do criado-mudo e rabiscou poucas linhas.

*Amizade é sentir-se perto
mesmo quando se está longe.*

Jonas.

Recolocou o diário e a caneta no lugar e saiu para o corredor. Parou por um instante diante da porta do casal, que dormia profundamente. E, abrindo a porta, demorou-se no quarto de Ana Paula, mergulhada num sono tranquilo. Em seguida, dirigiu-se para a porta da frente, que se abriu sem ruído, a um leve toque.

A praça estava deserta. A padaria, no lado oposto, cerrava suas portas, expulsando os últimos clientes. Jonas atravessou as alamedas e

seguiu pela rua antiga, calçada de paralelepípedos, onde havia velhas fábricas e casas escurecidas. Na bifurcação, deixou a estrada que levava à ponte e enveredou à direita, seguindo os fios de alta-tensão.

Cerca de cinquenta metros à frente ia Isaura, com passos trôpegos. Provavelmente estivera na padaria até a hora do fechamento. Ela só se apercebeu da presença de Jonas quando parou diante da casa e abriu a bolsa, procurando pelas chaves. Ao certificar-se de quem era, resmungou, muito contrariada:

— Outra vez esse menino? Desta vez não quero ver nem saber de nada! — e entrou, batendo a porta com violência.

Saudade

Que bela surpresa!

Padre Olavo viu os jovens reunidos na mesa de canto da lanchonete e foi logo puxando uma cadeira.

— Fazia tempo que não os via juntos.

— Infelizmente está faltando alguém... — sussurrou Ana Paula.

— Nenhuma notícia do Jonas?

— Nada, padre. O delegado está investigando, mas já faz uma semana e ele não conseguiu nenhuma informação.

— É uma pena — considerou padre Olavo. — Deus queira que ele esteja bem.

— Eu acho que ele está.

A reação de Maurício foi seguida de um silêncio quase constrangedor. O padre dava sinais de não estar entendendo. Cláudia explicou:

— Maurício continua achando que Jonas era um ET.

— Ora, ora... Pensei que essa bobagem tivesse acabado após as declarações do doutor Magrini — retrucou o padre.

Maurício quis dizer algo, Rubão foi mais rápido:

— Talvez tudo isso que falam de homens verdinhos seja fantasia. Quem sabe os extraterrenos não teriam o poder de assumir um corpo humano como nós? Seria mais fácil de passarem despercebidos...

— Quanta bobagem! — retrucou Ana Paula. — O que um extraterrestre ia querer da gente?

— Conhecimentos! — respondeu Cláudia. — Saber como vivemos, como pensamos...

— Ora, Cláudia... Nesse caso ele iria procurar a companhia de cientistas, gente que pudesse ensinar alguma coisa.

— Pode ser que não — discordou o padre.

Ana Paula encarou-o, com ar de quem não tinha entendido. Ele prosseguiu:

— Até hoje o homem não passou da lua. Portanto, se alguém de outra galáxia consegue chegar à Terra, deve possuir uma tecnologia superior; não teria nada a aprender com nossos cientistas.

— O padre tem razão — concordou Geninho. — Talvez eles estivessem interessados em coisas mais simples...

— Fiz esse comentário, mas não estou endossando que o Jonas seja um ET — avisou o padre, rindo.

Percebendo que Ana Paula não estava gostando do assunto, Geninho tentou mudar o rumo da discussão:

— O Jonas era um garoto como a gente e eu sei até a explicação para o desaparecimento dele.

Quando conseguiu a atenção de todos, prosseguiu:

— A descoberta do tênis na igreja prova que ele estava começando a se lembrar das coisas, do passado.

— Ele se lembrou inclusive que dormia lá — apoiou Rafa.

— Bom. Na casa da Ana Paula, ele recebeu a notícia sobre a vinda dos pais. Então, ele deve ter-se lembrado dos pais e chegado à conclusão que não queria voltar com eles. Por isso fugiu.

Os garotos pensavam no que Geninho acabara de dizer. O padre discordou:

— Não entendi. Por que o Jonas fugiria dos próprios pais? Ele deveria ficar contente!

— Pode ser que Jonas não se desse bem com eles... que fosse maltratado...

Ana Paula aprovou e concluiu:

— Jonas pode ter-se lembrado também do fato que provocou sua amnésia. Se esse fato estivesse ligado aos pais, é bem possível que ficasse confuso e que fugisse em seguida.

— Era isso mesmo que eu queria dizer — concordou Geninho.

Após um novo silêncio, Maurício voltou à ofensiva:

— Eu sei que o assunto é desagradável. Mas eu fiquei com a pulga atrás da orelha, quando a Isaura contou logo cedo que o Jonas havia desaparecido de novo.

— E ela estava certa! — apoiou Rubão. — Logo depois ficamos sabendo que o Jonas tinha sumido durante a noite. Como é que ela poderia saber?

— Esperem aí. Ela viu o Jonas na noite em que ele sumiu? — estranhou o padre.

— Viu — confirmou Maurício. — Disse que aconteceu exatamente como da outra vez, no topo da ladeira do cemitério.

— O testemunho da Isaura não vale nada! Você não disse que ela ficou a noite toda na padaria? Imagine o estado em que estava.

Maurício sentia-se incomodado; queria argumentar, mas preferiu calar-se diante da reação da amiga. Inesperadamente, porém, Rafa tomou partido:

— Pra mim, o Jonas é um amigão; pouco importa se era humano ou extraterrestre. Mas eu tenho pensado no caso e cheguei à conclusão que há um monte de coincidências difíceis de explicar...

— Que coincidências? — indagou Cláudia.

Rafa concentrou-se e passou a enumerar:

— A Isaura afirma que viu ele desaparecer duas vezes... Tem a história que o padre contou sobre uma pessoa que foi vista voando e que casa com o sumiço do Jonas na fábrica...

— O padre Olavo não acreditou na história! — rebateu Ana Paula.

O amigo olhou-a com ternura e prosseguiu:

— O blecaute sem nenhuma explicação lógica, o desconhecimento de objetos comuns como ferro de passar e o aspirador de pó... Sem falar nas aparições de discos voadores...

— É coincidência demais! — exclamou Rubão.

Ana Paula não se deu por vencida:

— Muito bem. Se o Jonas era um ET, com poder para desaparecer e até voar, por que não me salvou do abismo quando caí lá na serra?...

Calaram-se todos diante do argumento que evidenciava a contradição, até que Geninho lembrou do detalhe:

— Bem, o Jonas falou alguma coisa sobre isso naquele dia, lá na beira do barranco... Eu me lembro...

— O que ele falou? — espantou-se Cláudia.

— Ele disse que tinha pensado em tirar a Ana Paula de lá, mas que ficou confuso... com medo de não aguentar o peso.

— Está explicado! — entusiasmou-se Maurício.

— Eu continuo a não ver explicação — contrariou Ana Paula. — Quem tem razão é o meu pai. Todo mundo fazia questão de vê-lo como uma pessoa diferente para mantê-lo afastado.

Apesar da oposição de Ana Paula, todos pareciam analisar que Rafa e Geninho haviam dito. O silêncio foi rompido por Rubão:

— Estava pensando numa coisa. Se o Jonas era mesmo um ET, então as pessoas estavam certas em não gostar dele...

— De jeito nenhum! — discordou o padre, com veemência. — O que você está tentando fazer, Rubão, é justificar a discriminação pelo fato de ser um ET... Considerando-se, claro, que a hipótese fosse correta, o que ainda duvido.

— Então, padre! Se era um ET, as pessoas tinham o direito de afastá-lo, para se protegerem!

— Proteger-se de quem, Rubão? O Jonas sempre agiu como um ser humano, apesar das coincidências levantadas pelo Rafa. E, fosse o que fosse, ele jamais demonstrou qualquer atitude hostil contra quem quer que seja.

— O padre tem razão — observou Maurício. — Aliás, quando digo que o Jonas é um extraterrestre, não estou querendo justificar certas coisas que fiz contra ele.

— Ainda bem que não! — aprovou Ana Paula.

Como os jovens mantivessem a atenção voltada para o padre, ele prosseguiu:

— A discriminação é uma coisa muito séria. De certa forma, o mesmo preconceito que se levantou contra o Jonas atingiu também a Isaura.

— A Isaura? — surpreendeu-se Ana Paula.

— Sem entrar no mérito se Jonas era um ET ou não, a descrença de todos em relação a ela se dá pelo fato de tomar umas cervejinhas...

— Umas muitas! — corrigiu Rafa.

O padre riu e desafiou:

— Tudo bem. Agora me apontem alguém que não tenha o seu pecadinho, um pequeno vício...

— Não existe! — contrapôs Geninho.

— Exato, todos temos nossas fraquezas. Quem pode garantir que a Isaura mentiu, só pelo fato de tomar uns goles a mais?

Ana Paula não gostou nada do raciocínio do padre, mas calou-se. Havia muito de verdade no que ele dizia.

— Vejam bem, eu não estou dizendo que Jonas era um ET... — disse padre Olavo. — Só quis mostrar como somos traídos por atitudes preconceituosas sem perceber.

Enquanto os demais pensavam no assunto, Geninho levantou outra questão:

— Eu não consigo entender o telefonema... A família do Jonas liga dizendo que vem buscá-lo... E ele some sem que a família apareça, nem antes nem depois.

— Foi trote! — respondeu Ana Paula, prontamente. — Uma brincadeira de mau gosto que confundiu a cabeça do Jonas. Por isso ele fugiu.

— Não olhe pra mim! — defendeu-se Maurício. — Eu já jurei que não fui eu nem ninguém da minha casa!

Ana Paula ainda encarava Maurício, quando Rafa avisou:

— Acho que sei o que aconteceu.

Ao virar-se, Ana Paula viu o ar maroto que Rafa assumia antes de qualquer brincadeira, e preparou-se.

— Em vez de perigosos invasores, os extraterrestres são seres bem-humorados — falou ele. — Eles passaram o trote, que nem foi bem um trote.

— Como assim? — confundiu-se Cláudia.

— Eles avisaram que vinham buscar o Jonas e vieram. Nós é que bobeamos, pensando numa família convencional.

Todos riram muito, inclusive padre Olavo e Ana Paula. Em seguida, porém, ela acrescentou:

— Se Jonas era realmente um extraterrestre, deve ter levado uma péssima impressão de todos nós.

Pouco depois, o padre retirou-se, e os demais resolveram acompanhar Ana Paula até sua casa.

No portão da casa se despediram. Ana Paula ficou observando os amigos que se afastavam e, em seguida, seus olhos dirigiram-se instintivamente para o banco da alameda lateral. Seu coração acelerou até muito próximo do limite.

— Jonas!



— Está falando comigo? — estranhou o garoto, assustado.
— Desculpe-me... Eu pensei...

Não podia haver engano. Um garoto de cabelos louros e espetados ocupava o banco. Ana Paula atravessou a rua correndo, gritando:

— Jonas!

O garoto da camisa esburacada olhou-a, assustado:

— Está falando comigo?

— Desculpe-me... Eu pensei...

Enquanto Ana Paula se afastava, o garoto resmungou:

— Menina mais esquisita!